



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
AS MULHERES DO MEIO EVANGÉLICO E A TEOLOGIA FEMINISTA:
UMA DISCUSSÃO

GRACIANE SOARES DE ANDRADES

ERECHIM

2022

GRACIANE SOARES DE ANDRADES

**AS MULHERES NO MEIO EVANGÉLICO E A TEOLOGIA FEMINISTA:
UMA DISCUSSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

ORIENTADOR: Profº. DR. CÁSSIO CUNHA SOARES

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Andrades, Graciane Soares de
As mulheres do meio evangélico e a Teologia
Feminista: uma discussão / Graciane Soares de Andrades.
-- 2022.
74 f.:il.

Orientador: Doutor Cássio Cunha Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais, Erechim,RS, 2022.

1. Teologia Feminista, Feminismo, Mulheres e
Evangélico e Pastorado. I. Soares, Cássio Cunha, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

GRACIANE SOARES DE ANDRADES

**AS MULHERES NO MEIO EVANGÉLICO E A TEOLOGIA FEMINISTA:
UMA DISCUSSÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 25/08/2022.

BANCA EXAMINADORA:

PROF^o. DR. CASSIO CUNHA SOARES

PROF^o. DR. DANIEL FRANCISCO DE BEM

PROF^o DR. PAULA DE FARIA LINDO

Dedico este trabalho a Deus que me
capacitou para que eu pudesse
seguir nessa caminhada,
me dando força e sabedoria.
A minha família que intercedeu
por mim e me amparou em todos
os momentos de minha jornada acadêmica.
Obrigado!

AGRADECIMENTO

Agradecer é reconhecer que somos incapazes de fazer tudo sozinhos, e, com isso, quero agradecer a muitas pessoas que estiveram presentes direta ou indiretamente na minha caminhada durante minha graduação. Agradecer é mais que dizer obrigado, é dizer que sem vocês este trajeto não seria possível e que reconheço diante de todos minhas imperfeições e incapacidades.

Deus, te agradeço pela grandeza que tu És, por ter morrido na cruz por mim e me mostrado o caminho a seguir. Sem ti, principalmente, nada sou; me livraste da morte, da cegueira e de muitos outros problemas que em minha vida aconteceram. Agradeço por tua grandiosidade em atentar para minhas orações; eu, que sou um grão de areia no deserto. Obrigado, Senhor!

Mãe e Pai, vocês são os pilares fundamentais em minha caminhada, tanto com Deus como acadêmica. Sou grata por compreenderem meu estresse, meu nervosismo, minha ausência nos períodos de estágio. Pai, obrigado por tudo, pelas corridas para me buscar na faculdade quando tinha uma dor ou a aula acabava cedo em um dia gelado de inverno, pelo apoio incondicional que, muitas vezes, não era expresso em palavras, mas em olhares e gestos. Mãe, o que falar ou como te agradecer por seus joelhos dobrados constantemente e, principalmente, quando eu dizia: preciso de oração, pois a prova hoje é intensa? Muito obrigada por ler cada uma das versões do meu TCC, por deixar um chá ou café quente no inverno em cima do fogão à lenha para me aquecer.

Irmãos, Irmã, Cunhado, Cunhadas e Sobrinha, obrigado por se colocarem à disposição sempre que precisei, por orarem por mim nos momentos difíceis e durante a pandemia. Obrigada, minha sobrinha Gabi, por me dizer: “tia Graci, você precisa estudar”. Agradeço aos meus irmãos que me apoiaram indiretamente e a quem me ajudou analisando meu TCC, mesmo que fosse para corrigir um erro de português.

Minha igreja Assembleia de Deus de Gaurama, obrigada por interceder por mim sempre que pedi. Creio que mesmo quando não pedi, também intercederam. Aos meus professores, obrigado por cada palavra de incentivo que vocês me deram

durante essa jornada. Àqueles a quem ofendi ou com quem me desentendi me desculpem. Saibam todos que admiro a capacidade de cada um e sempre os levarei em meu coração, bem como em minhas orações.

Ao meu orientador Cássio, ou melhor, Professor Cássio, obrigado por ser um amigo, companheiro que respeita minhas diferenças e aceita meus defeitos e virtudes. Obrigado por me aguentar durante esta caminhada, sendo que, desde 2013, és o mesmo comigo. Perdoe-me se cometi algum excesso contigo ou falta; saibas que estarei sempre aqui para o que precisares e sempre estarei orando e intercedendo por ti. Muito obrigado.

As minhas amigas e colegas, Scarlate, Ana, Carla e Marina: pessoas que carregarei para sempre em meu coração e a quem tenho muito a agradecer por cada palavra de incentivo e ajuda. Contem comigo sempre que precisarem. Não sou nada sem vocês.

Assim, deixar aqui o meu mais sincero agradecimento a todos que passaram pelo meu caminho.

*“O fiel que se pôs em contato com seu deus
não é apenas um homem que percebe verdades novas
que o descrente ignora, é um homem que pode mais.”*

(DURKHEIM, 1996. p.459)

*“Graças te dou, visto que por modo
assombrosamente maravilhoso me formaste;
as tuas obras são admiráveis,
e a minha alma o sabe muito bem;”*

Salmo 139:14

Sumário

AGRADECIMENTO	6
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO UM.....	13
O Movimento Feminista.....	13
CAPÍTULO DOIS.....	21
O Protestantismo No Brasil	21
Imagem 1	24
As Três Ondas Do Pentecostalismo Brasileiro.....	26
Primeira Onda – Pentecostalismo Clássico.....	26
Segunda Onda – Movimento Carismático	26
Terceira Onda – Neopentecostalismo	27
Uma Breve comparação	27
CAPÍTULO TRÊS.....	28
O Feminismo E Seus Efeitos No Meio Evangélico	28
Breve Conceito de Teologia Feminista	30
Existe Feminismo Evangélico?	30
Evangélicos na luta pelo aborto.....	31
Casamento Homoafetivo	32
O Movimento Feminista E O Protestantismo.....	36
Reinterpretação do Cristianismo.....	40
Reinterpretação de Deus.....	41
Pastorado Feminino.....	44
Feminismo evangélico na ótica de Wayne Gruden e seus principais tópicos	53
A ordenação pastoral feminina e o liberalismo.....	55
Outras alegações do movimento feminista evangélico para o Antigo Testamento e Novo Testamento	58
Tabela 1	62
REFERÊNCIAS.....	71

Resumo

O propósito deste trabalho é explicar sobre como a teologia feminista tem operado nas igrejas Protestantes e como ela apresenta suas pautas com o objetivo de defender os direitos das mulheres no meio pentecostal (ou Pentecostalismo). Também apresenta uma análise das ondas do feminismo e do pentecostalismo com o objetivo de determinar quais as similaridades entre esses movimentos e como pensam a respeito de temas como os paradigmas do Cristianismo. Ainda, este trabalho questiona se o pastorado feminino é algo coerente com as normas das denominações Protestantes e se o Feminismo e o Pentecostalismo podem andar juntos sem violar as recomendações bíblicas usadas como fundamento para muitas instituições religiosas. Finalmente, foi feita uma análise de como essas normas podem fazer sentido no movimento feminista, que tem como uma de suas crenças a possibilidade do pastorado feminino.

Palavras-chave: Feminismo; Protestantismo; Pastorado feminino; Normas eclesiásticas.

Abstract

The purpose of this work is to explain how feminist theology has been operating in Protestant churches and how it presents its guidelines with the objective of defending women's rights in the Pentecostalism. It also presents an analysis of the waves of Feminism and Pentecostalism with the objective to determine what are the similarities between these movements and how they think about themes seen as paradigms of Christianity. In addition, this work asks if the female pastoring is something coherent with the guidelines of Protestant denominations and if the Feminism and the Pentecostalism can work together without violating recommended biblical precepts that are used as the foundations for many regulations of religious institutions. Finally, an analysis was made about how these guidelines can make sense in the feminist movement whose religious beliefs are based in the possibility of female pastoring.

Keywords: Feminism; Protestantism; Female pastorate; Ecclesiastical norms.

INTRODUÇÃO

Este trabalho começou com uma curiosidade acadêmica sobre a condição das mulheres nos relatos bíblicos e indagações que moveram uma acadêmica protestante e pentecostal que gosta de estudar as escrituras bíblicas e viu algumas similaridades e diferenças entre os relatos de professores e os relatos das escrituras bíblicas sobre o tema “mulheres”. O tema que me propus a pesquisar inicialmente tinha por título: *O protagonismo das mulheres nos tempos Bíblicos – existem fragmentos do feminismo na Bíblia?* O objetivo era discutir o feminismo e a posição da mulher no período Bíblico, sendo que a ciência nos apresenta uma mulher que neste período e, por muito tempo posteriormente, foi submissa e escravizada. Minha problemática consistia em pesquisar se existiam mulheres com posições de destaque nos tempos bíblicos, se estas mulheres trabalhavam ou não, se não possuíam posição de relevância e se submissão significava escravidão.

Entrando nesta pesquisa para concluir o curso, comecei a busca por resquícios de feminismo na narrativa bíblica, porém, durante o trajeto, me deparei com um novo tema sobre o qual decidi trabalhar: *Feminismo Evangélico e suas implicações nas instituições religiosas na atualidade*. Este tema surgiu ao assistir lives – O Pastorado Feminino – *Instagram* Teologia Saudável e Desmascarando o movimento Feminista - Teologia Saudável e ouvir *podcasts* Redomascast: Episódios: - Cristianismo e o feminino #prosa; Sojourner Truth #opodcastédelas; Cristã e Feminista?; Feminilidade Bíblica; Vocação, adoção e visibilidade trans. com Rev. Alexia Salvador; que falavam do assunto.

O trabalho apresenta a seguinte organização: a introdução expõe os motivos que levaram a esta pesquisa e como a mesma foi sendo construída aos poucos; o segundo capítulo descreve um breve resumo do movimento feminista enquanto movimento social dentro de um contexto geral bem como suas vertentes como o feminismo negro, feminismo interseccional, feminismo operário, feminismo liberal, feminismo religioso e o feminismo evangélico, este último o objeto de estudo principal deste trabalho.

O capítulo seguinte apresenta uma visão sobre o Protestantismo no Brasil, sua chegada, ramificações e suas ondas e as características peculiares que conduzem ao pensamento de que o feminismo evangélico possa vir a ser um dos possíveis propagadores da liderança feminina dentro das igrejas evangélicas. No quarto capítulo

buscamos apresentar um panorama do movimento feminista dentro do meio evangélico e de compreender como o mesmo pode ter interferido na atual conjuntura ao se nomear pastoras evangélicas e se esta seria uma conquista do referido movimento. Outros temas a serem tratados dentro dos capítulos e até mesmo em capítulos próprios serão a teologia feminista e o pastorado feminino.

A conclusão procura apresentar algumas respostas à estas inquietações acadêmicas e busca mostrar se a junção destas ideologias ou movimentos sociais colaboraram para que um encontro dos mesmos gerasse um casamento que poderia ter ou estar abalando as “estruturas eclesiásticas evangélicas”

Este trabalho tem como objetivo conhecer se possível o máximo de fundamentos do Feminismo Evangélico, bem como, possíveis contradições entre os elementos do discurso feminista secular e evangélico. Tentar identificar quando aconteceu o início desse movimento no meio. Seus precursores e líderes e, assim, poder entender suas raízes. Conhecer e estudar pautas como aborto e homossexualismo dentro do movimento pentecostal e pastorado feminino. Aqui serão apresentadas indagações de até onde a teologia feminista penetrou dentro do movimento pentecostal e se o mesmo estava preparado para que esta inserção acontecesse.

Para isto foram necessárias participações em cursos e lives, análise de podcasts e muita leitura. Com o seguinte referencial teórico deste trabalho será de autores e autoras do feminismo como Olympe de Gouges, Sojourner Truth, Elisabeth Cady-Stanton, Simone de Beauvoir, Betty Freidan, Alexandra

Kollontai, Wayne Grudem e outros. A partir de uma revisão bibliográfica de fontes literárias para a argumentação sobre os assuntos aqui trabalhados, soma-se a isso resenhas de podcasts ouvidos e de participação em lives. Outros materiais utilizados será o Curso Introdução ao Feminismo do Site As pensadoras. Embora, em alguns momentos, sejam feitas citações bíblicas, o intuito deste trabalho não é discutir posicionamento bíblico, mas, sim, indagar possíveis incoerências da realidade com as normas do meio que vem sendo objeto de estudo.

CAPÍTULO UM

O Movimento Feminista

O Feminismo é um movimento visto com maus olhos por aqueles que só conhecem o mesmo por parte da mídia e estes não se aprofundam em conhecer e compreender o que é a realidade que está por traz deste. Estudar o movimento é algo que pode desafiar estudantes ou apenas pessoas interessadas no tema. Ao mesmo tempo que se reconhece que não há conhecimento total do assunto e isto faz com que ocorra muitas vezes o que simplesmente é uma reprodução de ideias de mídias que apresentam o assunto de forma rasa.

Ao longo de sua história, o Feminismo esteve presente nos mais variados países e em todos eles este movimento possuía o mesmo elo: “lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos. Ou seja, o feminismo objetivava mostrar um papel de suma importância na emancipação da mulher que veio abalar como estruturas desde seu primeiro emprego: XIX tais como movimento na longa história de lutas pelos direitos e liberdades das mulheres” (Garcia, 2015.p 12)

O feminismo é um termo que foi forjado no final do séc. XIX este termo queria significar a defesa dos direitos das mulheres com base na igualdade de sexos. Porém antes mesmo do termo ser tido como feminismo, dentro do Renascimento surge o “Feminismo pré-moderno” que busca descaracterizar a inferiorização da mulher onde a mesma era considerada inferior tanto intelectualmente quanto cognitivamente. Porém essa misoginia herdada se refere, no século XVI foi se considerando como um novo paradigma humano, o paradigma da autonomia das mulheres onde às mulheres poderiam usufruir da chamada Querelle de Femmes que era o nome dado a uma faísca feminista que discutia as obrigações ou funções de cada sexo tendo assim um embasamento na ideia de gênero para que mulheres pudessem ter “educação” sendo que esta era dada as mulheres filhas de homens cultos ou seja quem tinha esse direito eram as mulheres que faziam parte da elite.

E a partir deste ensino as mulheres começaram a descobrir que poderiam lutar por algo mais moderno e feminista. Com isso no ano de 1405 vemos despontar a

primeira autora a questionar a autoridade masculina, Cristiane Pizan¹ escreveu *A cidade das Mulheres* e neste propõe que as qualidades e capacidades das mulheres sejam exaltadas ao longo da história. Pizan buscava reconhecimento e dentro deste buscava difundir suas ideias o que na época significava que uma mulher iria demonstrar que possuía as mesmas propriedades intelectuais que os homens sem menosprezar as habilidades consideradas por elas de menor importância como as tarefas domésticas.

Como nesse período as mulheres eram inferiorizadas e não poderiam ocupar o sacerdócio, durante a reforma protestante as mulheres questionaram “*por que as mulheres não?*” (Garcia, p.30) com isso surgiram grupos como as Quakers que incluíam as mulheres como pregadoras² e admitiam que através delas poderia se haver a manifestação do Espírito Santo. E mesmo assim muitas mulheres foram acusadas de bruxaria e condenadas à fogueira. Pode-se dizer que a Reforma Protestante intensificou a crítica em relação ao lugar da mulher. Posteriormente na França durante o Antigo Regime surge os salões franceses onde mulheres reuniam-se para buscar conhecimento de forma a aprimorar sua intelectualidade.

Uma característica desses salões era que fugindo da superficialidade do entretenimento puro, tinham um caráter profundamente intelectual de mercado de ideias. As discussões giravam em torno a distinguir, analisar e classificar os sentimentos, determinar suas matrizes e fontes. Discutia-se o sentido de beleza das palavras e havia grande preocupação com a reforma da linguagem. (Garcia, p.31)

Essas reuniões contribuíam para que a cultura masculina começasse a ser desmistificada em relação as mulheres tendo em vista o grande número de obras e autoras que surgiram nesse período. Como a Marquesa de Rambouillet com seu livro *O círculo das mulheres sabias* e o Grande Dicionário das preciosas de Somaise, Madeleine de Scudéry lançou as bases do Preciosismo que seria um início de movimento feminista na época e que desencadeou no Protofeminismo sendo este, os primeiros passos de um movimento feminista mais elaborado, que não se conformava com as convenções sociais a respeito das mulheres e apresentava que as mulheres tinham capacidade para argumentar sobre assunto mais comuns aos homens. Estas convenções eram impostas pelos códigos sociais, jurídicos e religiosos. Com sua luta as preciosas conquistaram a

¹ Conforme apresentado no livro – Breve História do Feminismo de Carla Cristina Garcia

² Tema que será discutido melhor durante este trabalho.

revitalização da língua francesa, impuseram novas formas de amor ou de relacionamentos.

A especificidade das contribuições dos salões do século XVII ao feminismo se encontra no fato de que graças a eles a polemica feminista deixa de ser uma discussão privada entre teólogos e moralistas e passa a ser um tema de opinião pública. (Garcia, p.35)

O Preciosismo foi um período em que algumas mulheres se reuniam em salões na França para discutir assuntos voltados a sua vida e bem como escrever sobre estas discussões pode ser visto como uma pequena faísca do feminismo neste período - estendeu-se por um período de aproximadamente 50 anos, posteriormente houveram formulações feministas em Veneza, com ideias de feminismo radical. Onde mulheres despontaram com seus escritos sendo elas: Lucrécia Marinelli, Moderata Fonte, Acrângela Tarbotti, ambas escreveram sobre a luta da mulher por reconhecimento intelectual sendo este um movimento europeu.

Fomentado pela revolução francesa bem como pela revolução industrial o movimento sufragista que buscam mudanças nos mais variados setores da vida das mulheres principalmente no âmbito político e com isso, houve uma comoção em massa das mulheres. E com isso a luta torna-se mais intensa dentro das pautas apresentadas neste momento, o movimento sufragista que mais conhecemos é o americano porem em outros períodos ele aconteceu na Europa e teve suas intelectuais responsáveis por este advento que são na Europa Olympe de Gouges e Mari Wollstonecraft. Este movimento sufragista está dentro do que será chamado primeira onda do feminismo.

Ao buscarmos definições para este movimento encontramos algumas autoras que buscam definir o que seria o mesmo como os exemplos a seguir: bell hooks³ apresenta uma definição para o feminismo como “um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a dominação” (hooks, 2015. p.13). Porém outras autoras apresentam outras definições para o mesmo termo como Cila Santos⁴ “um movimento

³ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários, e participou de várias palestras públicas.

⁴ Cila Santos, mãe, escritora, feminista formada em Comunicação Social, colunista no blog militância materna e blog QG feminista

organizado e orientado para lutar pela libertação de mulheres da situação em que vivem”. Esta forma apresentada no curso Introdução ao feminismo com Ilze Zirbel.

Garcia⁵ vê o feminismo como uma “retomada de formas de consciência das mulheres como coletivo, com isso, o feminismo se articula de várias formas sendo elas políticas ou sociais.” (2015). Não existe apenas um tipo de feminismo reconhece a autora, buscando e compreender os tipos de feminismo e transformação que cada um apresenta nas vidas das mulheres. A capacidade emancipadora do feminismo é poder identificar as manobras do machismo, por menores que elas sejam. “O feminismo é uma consciência crítica que ressalta as questões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal” (Garcia, 2015.p 14) Dentro do movimento feminista encontrou várias atualizações do mesmo que são conhecidas como ondas do feminismo. Cada uma dessas ondas possui particularidades de lutas e conquistas dentro de um período alguns dos autores e suas ações executarão a seguir.

As ondas do feminismo são uma forma de classificação dos diversos momentos em que o mesmo passa por transformação e ganha novas motivações para a luta do direito das mulheres. O provável início deste movimento aconteceu dentro da aristocracia em um contexto onde a sociedade vivia em busca do conhecimento científico, político e industrial, porém nem uma destas áreas cogitava a participação das mulheres de forma mais atuante. Zirbel⁶ apresenta que as ondas do feminismo causaram uma modificação social muito importante e que as mesmas são a forma de se referir a um momento histórico onde há uma concentração de um grande número pessoas.

Embora não muito difundido Zirbel⁷ apresenta que a autora Shira Tarriant⁸ traz algumas críticas quanto a classificação de ondas feministas, dizendo que o movimento ignora importantes progressos entre uma onda e outra, ignora a existência de outros

⁵ Carla Cristina Garcia – Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia PUC – SP

⁶ Informações obtidas através da realização do curso Introdução ao Feminismo disponível no link:
<https://www.aspensadoras.com.br/cursos/introducao-ao-feminismo/aulas>

⁷ Ilze Zirbel Professora do Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina - CESUSC; Pós-doutora e Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Graduada em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e em Teologia pela Escola Superior de Teologia da IECLB (EST). Integrante do Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade (GERMINA); da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e do GT Filosofia e Gênero da ANPOF. Principais áreas de pesquisa: Filosofia Política e Ética; Estudos Feministas; História da Filosofia; Teorias do Cuidado. <http://lattes.cnpq.br/8740728758861601>

⁸ Citada durante a primeira aula de Introdução ao Feminismo, por Ilze Zirbel

feminismos como Japonês e Árabe por exemplo e muitas vezes marginalizam o problema de mulheres não brancas e com poder aquisitivo inferior ao das “representantes oficiais do movimento” aqui vale ressaltar que o movimento neste período era feito por mulheres brancas e da burguesia e a crítica de Tarrant se dava por não se apresentar que quem ia pra rua se manifestar enquanto movimento feminista eram as trabalhadoras e proletárias muitas vezes não brancas.

A primeira onda do feminismo é onde se começa uma busca por entendimento dos direitos das mulheres, bem como, deveres em relação a sociedade patriarcal. Sua principal luta era pelo direito ao voto e ao trabalho como principais pautas tendo também como pautas o educação, desenvolvimento pessoal e participação na política e este primeiro movimento granjeou pequenas vitórias: conquistaram a lei do divórcio, o direito de testemunhar em processos civis e o direito de suceder ao pai em sucessão hereditária. Posteriormente, seis mil mulheres se uniram e apresentaram um projeto na Assembleia Nacional Francesa onde denunciavam a “aristocracia masculina” e propunham que os privilégios masculinos fossem abolidos. A partir deste ato, as mulheres conseguiram entrar na vida política. Muitas delas se destacaram como teóricas desta primeira onda, onde pode-se destacar como principais: Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft.

Com a questão feminina veio também, nesse período, o movimento sufragista apresentado por Garcia na segunda onda do feminismo, que se caracterizava por uma luta em torno dos direitos que para as mulheres eram negados: a luta contra a escravidão, o direito ao voto e a candidatura feminina, o direito de ocupar cargos políticos e a participação nas reuniões políticas, as lutas econômicas onde mulheres buscavam o direito ao trabalho ou a terem o seu próprio comércio, o direito de propriedade e contas correntes em bancos.

O movimento ganhou uma característica mais ousada, tendo como sinalização disso a prisão de mulheres militantes, greves de fome por mulheres, e muitas mortes destas por suas lutas. Contudo, Elizabeth Cady Station reuniu várias pessoas em uma congregação Metodista para uma reunião sobre os direitos femininos, fundando, assim, a Associação Americana Pró-Sufrágio das Mulheres (AWSA). Neste mesmo período, o estado de Wyoming foi o primeiro a conceder o direito ao voto feminino para mulheres com mais de 21 anos. Em 1918, o movimento conseguiu que o presidente Wilson

manifestasse seu apoio ao movimento norte-americano e aprovasse a décima nona ementa, que dava plenos direitos às mulheres de votar. No entanto, esta lei entrou em vigor somente em 1920, quando apenas uma das que estavam reunidas em Seneca Falls, Charlotte Woodward estava viva para poder exercer o direito ao voto.

Este movimento mudou a forma de se pensar e analisar o mundo, pois mulheres puderam se mostrar com mais representatividade e com isso suas lutas ganharam um status diferenciado. Muitas mulheres começaram a questionar o “ser mulher” para aquela sociedade. Uma representante dessa fase é Sojourner Truth, que buscava a igualdade entre mulheres mesmo onde, muitas vezes, as negras nem mesmo eram vistas como mulheres, pois não recebiam o mesmo tratamento que as burguesas e brancas.

O movimento sufragista americano sofreu uma traição onde um principal ponto de luta lhes foi negado: toda sua luta pelo direito a abolição e ao voto feminino foi indeferido ao ser publicada a décima quarta ementa constitucional americana, onde os escravos eram autorizados a votar, mas claramente as mulheres escravizadas eram proibidas ao voto. Na realidade, a ementa somente abrangia escravos homens e livres sendo que para terem o direito ao voto além dos homens embora estivessem ainda escravizados poderiam votar ou precisariam possuir uma liberdade condicionada, por exemplo mucamos que poderiam possuir sua carta de alforria, porém continuavam a exercer seu trabalho aos seus senhores.

A segunda onda do feminismo acontece por entorno dos anos 1950 a 1960 e/ou 1980-1990 dependendo do país. O feminismo começou a ganhar características de movimento social, com base na Declaração dos Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão que negava às mulheres direitos civis e políticos. Assim nasceu a luta pela igualdade entre os sexos. Outros pontos discutidos e buscados pelo movimento nesse período são: a condição da mulher na sociedade, os direitos reprodutivos e a sexualidade bem como a discussão do aborto e outros assuntos. No Brasil esse movimento está interligado com o período da ditadura militar e com isso, as lutas se tornam mais específicas em alguns aspectos bem como gerais em outros âmbitos buscando tratar de assuntos como creches, saneamento básico, condições de trabalho, saúde, direitos reprodutivos, educação igualitária e divórcio. Também surgem nessa época o feminismo religioso e a teologia feminista.

A segunda onda teve importantes teóricos em sua trajetória, sendo eles: John Stuart Mill⁹ e Harriet Taylor¹⁰, que lutavam pela mudança na lei do matrimônio, pelo divórcio, bem como a educação feminina e a liberdade financeira das mulheres. Quanto ao mercado de trabalho, o casal discordava, pois enquanto Mill achava que colocar as mulheres no mercado acarretaria o dobro de concorrência por uma vaga de trabalho para os homens, sua esposa dizia que nenhum limite deveria ser imposto às mulheres.

Nesse século, mesmo com as mulheres sendo incorporadas no trabalho industrial, questões ainda ficavam sem respostas, visto que as mulheres recebiam um salário inferior aos homens, trabalhavam mais e eram mais submissas que os mesmos. Outros movimentos começaram a surgir para questionar esta situação encontrada no âmbito industrial. O anarquismo e o socialismo começam a questionar:

“ As operárias são um problema para o sexismo, pois com elas nascem novas perguntas: o trabalho assalariado pode ser compatível com as mulheres? Que tipo de trabalhador era a mulher? Devia ganhar o mesmo salário que os homens? A todas essas perguntas deveriam dar respostas tanto os legisladores quanto as próprias feministas. ” (GARCIA, p.65)

O socialismo não era necessariamente feminista, mas abraçava as causas que lhes eram comuns. Alguns autores e autoras como se destacavam nesse período, entre eles Flora Tristán, que transitava entre o feminismo ilustrado e o feminismo de classe. Posteriormente, no socialismo marxista que articula a questão feminina, Marx e Engels apresentam que a opressão feminina se dá no meio econômico. Engels diz que a sujeição das mulheres não está na sua condição física ou biológica, mas sim em questões que permeiam a sociedade como a sua ausência na esfera de produção social. As autoras Clara Zetkin¹¹ e Alexandra¹² Kolontai fazem parte da linha marxista do feminismo.

⁹ No livro *Breve História do Feminismo* de Carla Cristina Garcia, a autora apresenta John Stuart Mill como um precursor na luta pelos direitos matrimoniais da mulher, o mesmo enquanto deputado é autor do livro *A Sujeição da mulher* foi quem primeiro se envolveu na luta do direito de voto da mulher, e segundo Garcia este ensaio de Mill tornou-se a bíblia das feministas. Também citado por Simone de Beauvoir na *Introdução* do livro *Segundo Sexo* p.20.

¹⁰ Parceira de Mill na luta dos direitos femininos, escreveu em conjunto com ele *Ensayos sobre la Igualdad sexual* e sua principal participação na luta foi escrevendo a primeira petição em requerimento aos votos para as mulheres.

¹¹ Clara Zetkin Socialista, marxista e feminista, Clara Zetkin nasceu em Königshain-Wiederau, Alemanha, em 5 de julho de 1857. Estudou direito e começou a ter contato com movimentos operários alemães em 1874. Quatro anos depois, inicia sua militância no Partido dos Trabalhadores Socialistas (SAP), que se converte no Partido Social-democrata Alemão (SPD) em 1890.

¹² Alexandra Mikhaylovna Kollontai foi uma líder revolucionária russa e teórica do marxismo, membro do partido bolchevique e militante ativa durante a Revolução Russa de 1917.

A terceira onda surge a partir dos anos 90 e sua luta seria majoritariamente dentro de questões como gênero onde a discussão sobre a binariedade onde se começa pensar uma nova forma de apresentar a identidade em relação ao mesmo que será mais questionado e defendido na quarta onda, violência, institucionalização, aprofundamento de teorias e discussões internas são outras pautas do feminismo desta onda, Ilze Zirbel nos diz que é uma onda onde o feminismo se apresenta em instituições e não nas ruas, porém assim mesmo gera barulho, encontros e discussões.

Ao que se chamou de terceira onda do feminismo, os estudos e as pesquisas feministas enriquecem e passam por grandes transformações, pois, nesse momento, o próprio movimento passa a ser questionado. Ao perceberem que as pautas do movimento destinam-se, quase que exclusivamente, à representação de mulheres brancas e de classe média, as feministas da terceira onda questionam a exclusão das demais mulheres, não incluídas nessas categorias. Esse é o momento de ganho de autonomia e destaque de certos grupos dentro do movimento feminista, como os de mulheres negras, lésbicas ou trabalhadoras rurais. (TABOLKA.2021 p.82)

É nesta onda plural onde o foco está não somente em mulheres não brancas e no Queer que cresce o feminismo negro que pode ser estudado com autoras brasileiras como Lélia Gonzáles e Djamila Ribeiro e um apresenta-se um individualismo de diversidade e apresenta ou busca-se conhecer um feminismo-feminino. Uma busca constante por incorporar todas as mulheres no movimento com diz Tabolka no trecho a cima, que a busca de representatividade era necessária neste período para que esta onda fosse vista como inclusiva por possuir espaço para todas as mulheres em todas as suas representatividades.

Simone de Beauvoir¹³, é uma das grandes autoras do feminismo e com o livro *O Segundo Sexo*, questiona a posição da mulher na sociedade, sendo este livro escrito tornou-se um grande aliado nesta onda para discutir o ser mulher. Simone não se considerava feminista segundo Robles, nem mesmo considerava que tivesse sofrido alguma desigualdade ou opressão por ser mulher, porém o seu livro leva a pensar na mulher que ela nunca havia experienciados os sofrimentos que geralmente as mulheres vivenciavam em seus dias. Neste momento, começa-se a pensar na *heterodesignação* onde se questiona que a mulher precisa do homem para se reconhecer como mulher e não para se autoafirmar como fêmea, considerando que, para a autora, a fêmea é como símbolo de reprodutividade, enquanto a mulher é aquela que adquire características

¹³ **Simone de Beauvoir** foi escritora, filósofa, intelectual, ativista e professora. Integrante do movimento existencialista francês, Beauvoir foi considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno.

masculinas para vir a ser ouvida e compreendida. Embora ambas as expressões signifiquem a mesma coisa para Beauvoir.

A Quarta onda do feminismo está em atividade no momento, esta Quarta onda é chamada também de Ciberfeminismo e é datada a partir do ano 2005, onde os discursos e intervenções se dão majoritariamente nas redes sociais e também nas ruas, com isso o movimento ganha maiores proporções e atinge um maior número de adeptos aos pensamentos feministas deixam de pertencer ou de serem discutidos por pequenos grupos e passam a ter grandes dimensões. Outra característica é que este movimento é composto de uma liderança jovem que busca através destas formas de agir apresentar suas necessidades e seus desapontamentos em relação a sociedade atual. Esta onda tem como debate os seguintes pontos: gênero, normatividade, sistema. Onde aqui o quesito gênero é definido como algo cultural e com isso, passível de transformações, desvinculando da ideia de gênero binário ou definido biologicamente no momento do nascimento do indivíduo.

CAPÍTULO DOIS

O Protestantismo No Brasil

Pensar que a teologia feminista surge e pensa uma nova forma de seguir a religiosidade de cada um e este trabalho busca apresentar os pontos de vista tanto do feminismo apresentado acima bem como os aspectos estudados os aspectos principais do protestantismo. Conheceremos um pouco deste movimento que pode ou não estar se familiarizando como o movimento feminista e para isto começamos a analisar os passos do mesmo em seu contexto histórico no Brasil. Vemos a seguir as palavras de Mendonça sobre suas impressões sobre o que é protestantismo.

Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. (Mendonça.2005. p.51)

Talvez a pergunta mais adequada seja esta: podemos falar em protestantismo brasileiro? Ou seria melhor falar em "protestantismo no Brasil" precisamente quando a referência recai sobre as igrejas acima mencionadas? (Mendonça.2005. p.51)

Para pensarmos o protestantismo Mendonça¹⁴ nos faz pensar em que protestantismo existe no Brasil, o autor questiona que o protestantismo, diferentemente do catolicismo não se adaptou a cultura brasileira e que o mesmo ainda vive e segue as normas do protestantismo americano, então aqui podemos pensar em qual seria a real cultura brasileira de qual o protestantismo precisaria beber para poder se adaptar. Mendonça nos diz que:

O protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira. Continua sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e dependência teológica. Por isso, prefiro falar em "protestantismo no Brasil" e não em protestantismo Brasileiro. (MENDONÇA,2005. p.51)

Embora a teologia que se estuda e se escreve em literaturas seja diferente das demais, podemos perceber e questionar a hermenêutica que cada teólogo (a) utiliza para transmitir suas ideias canônicas ou não. Porém precisamos conhecer além da forma de escrita, passar pela historicidade do movimento do protestantismo e ver as características que o mesmo possui e se existem similaridades do mesmo com o movimento feminista e se existem possibilidade de o protestantismo adaptar-se a pautas feministas ou de pautas feministas serem criadas dentro do protestantismo.

Com isso, podemos ver que a chegada do protestantismo no Brasil se deu décadas após a morte de Martinho Lutero em um período curto aconteceu uma nova experiência protestante no Brasil quando, no Rio de Janeiro, entre 1555 e 1560, com a chegada da chamada França Antártica. No século seguinte, no nordeste Brasileiro, chegou uma outra caravana protestante oriunda da Holanda estes ficaram no país por um período mais longo, de 1630 até 1654, porém nos dois casos foram expulsos do Brasil fazendo com que o país se voltasse ao monopólio Católico. Contudo, em 1810, o tratado de Comércio e Navegação abriu novamente as portas para o protestantismo, quando um de seus artigos permitiu a instalação de igrejas no país. Em 1811 instalava-se no Rio de Janeiro uma igreja de denominação Anglicana.

O tratado de comércio e navegação assinado em 1810, que garantiu a abertura dos portos brasileiros para produtos ingleses, assegurava também em um de

¹⁴ Antônio Gouvêa Mendonça é doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo e professor do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

seus artigos, a liberdade de consciência e culto permitindo igrejas protestantes com aparência discreta e sem a conversão dos católicos. (ASSIS, 2012)

Porém, em 1824, uma nova Constituição no Rio de Janeiro tornou mais uma vez a religião Católica como Religião do Império. Nesse mesmo ano, vieram com as imigrações novas denominações protestantes que, assim como a Igreja Luterana que predominantemente habitava as colônias dos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, vinham de outros países como Suécia, Suíça, Holanda, Escócia Inglaterra e Estados Unidos.

A influência dos Protestantes Norte-Americanos foi importantíssima. Com a guerra civil nos Estados Unidos (1861-1865), muitos vieram em busca de refúgio e de terras. Incentivaram e financiavam a expansão de missões, enxergando no Brasil uma seara fértil para a conversão. Fundaram templos presbiterianos (o termo deriva da organização governada por uma assembleia de presbíteros ou anciãos) batistas (que enfatizavam o batismo de adultos com exposição bíblica e pública da fé) e metodistas (que pregam o estudo metódico da Bíblia e a relação pessoal entre o indivíduo e Deus). (ASSIS¹⁵,2012).

A divulgação da mensagem protestante acontecia no campo e na cidade, atingindo todos os públicos com a distribuição de Bíblias do norte ao sul do país, embora cada vertente do protestante possuísse um “público-alvo”. Os franceses buscavam os índios e os holandeses, os brancos, negros e índios. Nos Estados Unidos, durante o século XX, houve o avanço pentecostal que aqui chegou com uma particularidade:

O termo “protestante”, por sua vez, advém de um documento de protesto apresentado pelos luteranos na segunda Dieta de Spira (1529), que declarava a fé católica como única legal. No Brasil, em geral, “protestante” se refere aos fiéis das igrejas oriundas da reforma, como presbiterianos, luteranos e anglicanos, enquanto “evangélicos” abrange os seguidores das igrejas pentecostais e neopentecostais. (ASSIS,2012).

¹⁵ Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1998), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2004) e Pós-doutorado pelas Universidade de Lisboa (2011), Universidade de Évora (2011) e Lettres Sorbonne Université (França, 2021). Desde outubro de 2021 é Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa, onde atua na Graduação em História e como Professor Permanente nos Programas de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. É pesquisador, desde 2010, da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Universidade de Lisboa. É Avaliador do SINAES e da REDE Nacional de Ipfes (INEP-MEC). Membro, a partir de 2017, da ABIL (Association of British and Irish Lusitanists). Membro, a partir de 2020, da Deutscher Lusitanistenverband e.V. (Associação Alemã de Lusitanistas). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Inquisição no Brasil; Inquisição no mundo ibérico e colonial; religiões e religiosidades no mundo iberoamericano; criptojudáismo; cristãos-novos; ensino de história; literatura, história e memória. Presidente da Seção Minas Gerais da Associação Nacional de História - Anpuh-MG, no biênio 2018-2020. Referenciado com Revista de História da Biblioteca Nacional de 2012.

A partir de então é possível entender por que há em Aragão Filho¹⁶ a conceituação de três ondas do Protestantismo Brasileiro e, na Revista De História da Biblioteca Nacional pode-se encontrar a “árvore genealógica do protestantismo brasileiro” ou, como diz o título da matéria, “Evangélicos de raiz” (2012).

Imagem 1

¹⁶ Iran Lima Aragão Filho: Mestre em Ciências da Religião - PUC/GO (2011), Pós graduado em Direito público UCB/DF(2005), Pós graduado em Psicanálise clínica (2001), Pós graduado em Clínica Psicodinâmica do Trabalho e Gestão do Estresse - UnB (2016), Pós graduado em Terapia Familiar Sistêmica (Academia Terapêutica - Dr Carlos Arturo Molina Loza (2014); Pós graduado em Psicologia Comportamental e Cognitiva - FARESE (2021); Bacharel em Direito - UNIDF/DF (1998), Bacharel em Teologia - CESBAN (1999), Bacharel em Psicologia UNIP (2014), Personal e Professional Coaching - Sociedade Brasileira de Coaching - SP (2012).. Licensed Practitioner of Neuro-Linguistic Programming, (Mindflow Desenvolvimento Humano Richard Bandler (2019); Treinador Comportamental - Instituto Kaercher de Desenvolvimento Humano (2021): Título de Escritor Imortal da ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL/DF, Membro Efetivo da Cadeira n 52, tendo como Patrono Rubens Alves (2019).

Evangélicos de raiz

De Lutero a R. R. Soares, um longo caminho foi percorrido antes da vertiginosa multiplicação evangélica que se vê nos nossos dias. Da Reforma iniciada há 500 anos, passando pelo movimento missionário no século XIX e chegando às Igrejas mais recentes, conheça as origens e entenda as principais ramificações do protestantismo no Brasil.

IGREJAS EVANGÉLICAS	Nº FIÉIS
Igreja Assembleia de Deus	12.314.410
Evangélica não determinada	9.218.129
Outras Igrejas Evangélicas pentecostais	5.267.029
Igreja Evangélica Batista	3.723.853
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2.289.634
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243
Igreja Evangelho Quadrangular	1.808.389
Igreja Evangélica Adventista	1.561.071
Igreja Evangélica Luterana	999.498
Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209
Igreja Deus é Amor	845.383
Igreja Maranata	356.021
Igreja Evangélica Metodista	340.938
Igreja O Brasil para Cristo	196.665
Comunidade Evangélica	180.130
Igreja Casa da Bênção	125.550
Igreja Evangélica Congregacional	109.591
Igreja Nova Vida	90.568
Igreja Evangélica de Missão	30.666
Igreja Evangélica Renovada	23.461
TOTAL	42.275.438

IBGE - Censo/2010

NEOPENTECOSTALISMO

Com ênfase na guerra espiritual contra o Diabo e na Teologia da Prosperidade, cresce a partir dos anos 1970 por meio de pastores brasileiros.

SEGUNDA ONDA PENTECOSTAL

Renovação marcada pelo aparecimento de Igrejas com lideranças autônomas a partir da década de 1950.

PENTECOSTALISMO ou PRIMEIRA ONDA PENTECOSTAL

Movimento que começa nos EUA no início do século XX, enfatizando os dons do Espírito Santo, e chega ao Brasil por intermédio de missionários norte-americanos.

PROTESTANTISMO NO BRASIL

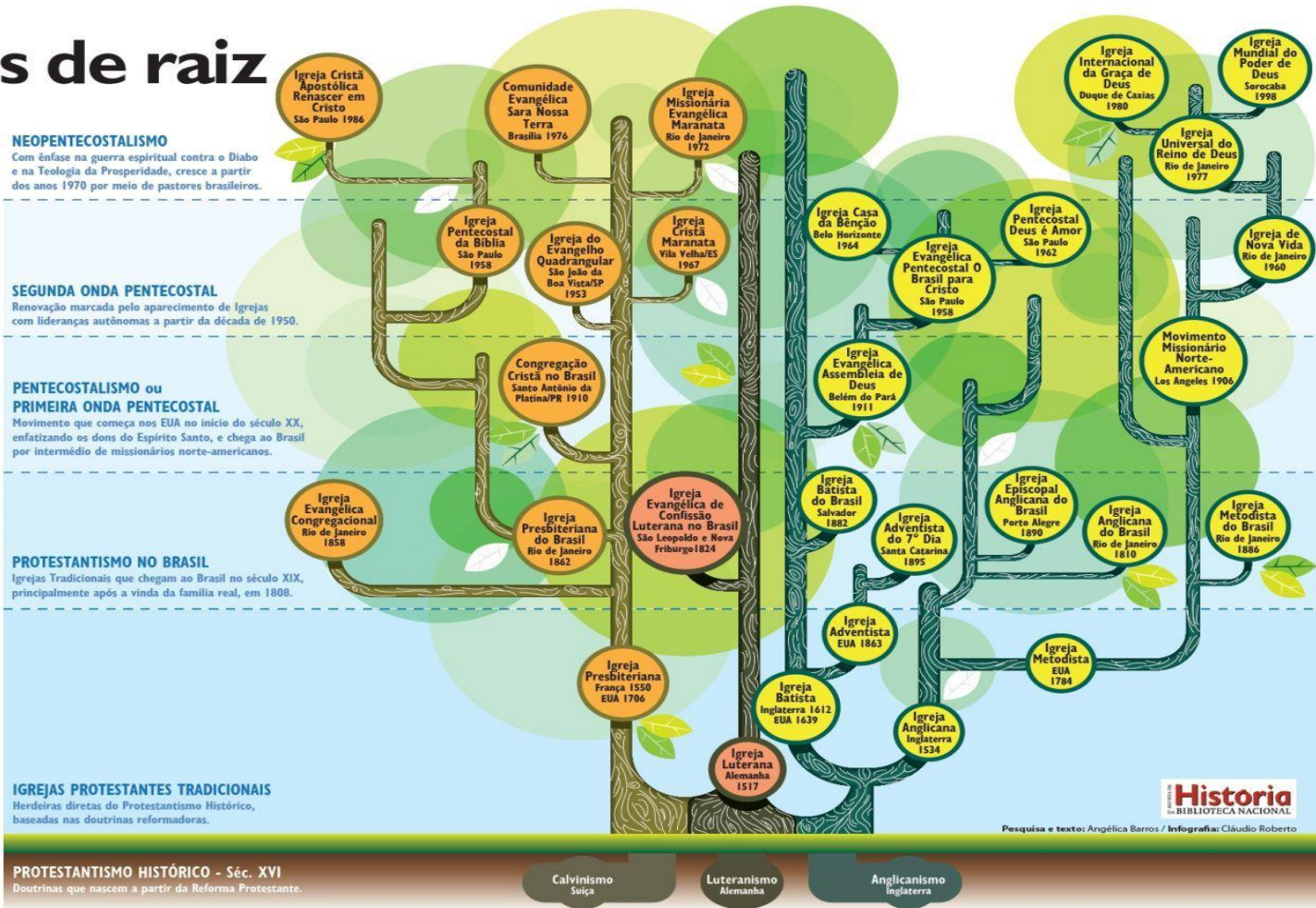
Igrejas Tradicionais que chegam ao Brasil no século XIX, principalmente após a vinda da família real, em 1808.

IGREJAS PROTESTANTES TRADICIONAIS

Herdeiras diretas do Protestantismo Histórico, baseadas nas doutrinas reformadoras.

PROTESTANTISMO HISTÓRICO - Séc. XVI

Doutrinas que nascem a partir da Reforma Protestante.



Historia BIBLIOTECA NACIONAL

Pesquisa e texto: Angélica Barros / Infografia: Cláudio Roberto

As Três Ondas Do Pentecostalismo Brasileiro

Com o crescimento do movimento evangélico, novas classificações foram surgindo para diferenciar melhor suas características e modos de agir. Autores como Aragão Filho e Mariana Reinisch Piccolotto tratam deste assunto em seus textos e como essas classificações foram se dando. Estas classificações são chamadas de Ondas do Protestantismo, e terão suas características segundo os autores, apresentadas a seguir, ao mesmo tempo, em que se busca identificar qual destas ondas possuem mais afinidades com o feminismo.

Primeira Onda – Pentecostalismo Clássico

Esta onda é conhecida por abranger o movimento denominado Pentecostal Clássico que é composto por denominações que surgiram até o ano de 1950. Suas características principais são a crença no Batismo com o Espírito Santo, a glossolalia e os dons. As principais denominações desta onda são: Igreja Assembleia de Deus – que surgiu em 1911 no Brasil, fundada por Daniel Berg e Gunnar Vingren, e Congregação Cristã do Brasil – que surgiu em 1910 no Brasil.

Segunda Onda – Movimento Carismático

Surgiu no Brasil no período de 1950-1960 e é composta pelas igrejas que participaram de um novo avivamento com o Espírito Santo, mas não deixaram de participar de suas denominações, somente começaram a difundir o Espírito Santo dentro das mesmas. As igrejas a seguir seriam oriundas deste movimento: Igreja do Evangelho Quadrangular – chegou ao Brasil em 1953 (única igreja que, nos EUA, foi fundada por uma mulher); Igreja O Brasil Para Cristo – chegou ao Brasil em 1958; Igreja Deus é Amor – chegou ao Brasil em 1962; Igreja Nova Vida – chegou ao Brasil em 1960. Também fariam parte deste movimento, embora em pequenas demonstrações, Igrejas como a Católica e Anglicana.

Terceira Onda – Neopentecostalismo

Foca no evangelismo em massa e na Teologia da Libertação¹⁷, que é quando os valores terrenos são considerados mais importantes do que os ensinamentos de Cristo. Por exemplo, nesse tipo de teologia leva-se em consideração valores políticos e até sociais para promover a igreja ou o seu representante a Teologia da Prosperidade entra como uma grande característica desta onda. Cura divina e prosperidade são suas principais características, e suas representantes mais conhecidas são: Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – fundada no Brasil em 1977; Igreja Internacional da Graça – fundada em 1980; Igreja Renascer em Cristo – fundada no Brasil em 1986; Comunidade Sara a Nossa Terra – Fundada no Brasil em 1976. A grande particularidade dessa onda do pentecostalismo é que todas essas igrejas foram criadas aqui e seus fundadores são brasileiros, sendo a IURD a principal representante desta onda. Também é importante ressaltar que é no movimento neopentecostal que se encontram a maioria de Pastoras evangélicas.

Uma Breve comparação

Ao compararmos as ondas do feminismo e as ondas do movimento pentecostal podemos observar e tentar fazer um exercício de análise comparativo entre as mesmas pontuando possíveis inserções das ondas do feminismo dentro do pentecostalismo. Levando em consideração que o pentecostalismo observa os preceitos bíblicos como sua principal forma de regimento podemos pensar que: a primeira onda do feminismo não interferiu na primeira onda do pentecostalismo, sendo que, podemos até ousar dizer que para as mulheres do meio pentecostal essa onda feminista até colaborou para a emancipação cada vez maior das mulheres que são a grande maioria do mesmo.

A segunda onda do feminismo com suas pautas como aborto e gênero por exemplo já criou um alerta no movimento pentecostal. Embora não adentre na segunda onda do pentecostalismo gera sim um movimento de autodefesa, para que

¹⁷ A Teologia da Libertação dentro do contexto evangélico tem a ver com denominações que buscam por uma conquista de multidões nem sempre como fiéis membros, mas como praticantes de forma esporádicas no culto ou na igreja, praticantes estes que buscam pelo milagre repentino sem muitas vezes o comprometimento das normas da igreja em questão. Este termo no meio evangélico não tem ligação com a Teologia da Libertação do autor Leonardo Boff.

os participantes da mesma não vejam com bons olhos o movimento pois dentro desta onda as pautas ferem os regimentos do pentecostalismo.

As terceiras e quarta onda do feminismo são as ondas mais indenitárias e como a terceira onda do pentecostalismo busca uma difusão do evangelho de forma massificada podemos observar que esta onda do pentecostalismo se adequou mais as pautas do movimento feminista, onde encontramos igrejas evangélicas inclusivas aos movimentos LGBTQIA+, sendo que as mesmas realizam casamentos homoafetivo e aceitam em seu corpo de membros e ministerial pessoas com esta identidade, podemos citar aqui a Igreja Cristã Contemporânea e também a Igreja Batista de Pinheiro em Maceió – AL que admitem tais pautas em suas instituições. E com isso a teologia feminista começa a adentrar dentro dos espaços evangélicos com suas ideologias que discutiremos com mais afinco nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO TRÊS

O Feminismo E Seus Efeitos No Meio Evangélico

Quando pensamos no conceito de Feminismo evangélico é comum ouvirmos indagações sobre o mesmo. Estas são oriundas do senso comum e, em alguns casos, denotam desconhecimento de muitos sobre o meio evangélico e até mesmo sobre o feminismo. Para muitos, o segmento evangélico é rodeado de dogmas e proibições que fazem com que o seguidor se torne “alienado”. A partir deste momento buscaremos responder as seguintes perguntas: - Existe Feminismo Evangélico? – Às evangélicas é permitido serem feministas? – Em que área do movimento evangélico o feminismo mais tem se apresentado? Quais os autores que trabalham esse tema?

Com isso podemos nos ater a alguns apontamentos e colocações feitas por mulheres que estudam o tema. Como já vimos acima, Rosado começa tentando tratar de como seria estudar esse tema dentro destas duas vertentes. Em um outro texto seu, Rosado nos diz que quando começou a estudar esse assunto se deparou com um vazio de análises sociológicas dentro do tema feminismo e religião.

(...) para as ciências sociais, as religiões são realidades socialmente construídas e as práticas religiosas, as representações simbólicas e os discursos religiosos são reveladores de relações sociais. Assim, a pertença a

uma classe, a uma raça ou a um sexo determina e delimita as práticas religiosas, mesmo aquelas consideradas do domínio privado. Além disso, as crenças, práticas e representações religiosas agem sobre a realidade, seja reforçando as estruturas sociais, seja modificando-as. Compreender as religiões como espaços complexos portadores de contradições e ambiguidades, de produção, reprodução e transformação de relações sociais em todos os domínios, aqueles do culto, dos símbolos, como do saber, e não somente o da organização, é uma questão teórica. Assim sendo, é no quadro das relações sociais de sexo – o gênero –, de raça e de classe que devem ser analisadas as relações das mulheres com as religiões e das religiões com as mulheres. Tal tomada de posição teórica e metodológica supõe uma abordagem dinâmica das religiões e das relações das mulheres com as religiões. A observação empírica mostra a ambiguidade da ação religiosa. As religiões não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras que contribuem para a subordinação das mulheres. Em certas circunstâncias elas podem funcionar como forças inovadoras, como um catalisador de mudanças sociais e políticas. Como fiéis, as mulheres podem se submeter ao poder disciplinador das religiões, mas podem, igualmente, por sua ação e seu pensamento, contribuir para sua mudança. (ROSADO, 2015, p.10)

Ao analisar o texto de Rosado¹⁸ vemos que a mesma aponta que as religiões são vistas como algo externo, que fazem parte do meio social, mas não são estudadas por cientistas sociais por pertencerem a um meio dogmático, onde parece existir uma certa aversão ao estudo da mesma, vemos que muitas vezes as religiões ou a religiosidade é estudada como forma de compreender o surgimento de determinadas sociedades onde a colaboração da religiosidade é levada em conta. Mas aparentemente poucos se designam a estudar a sociedade que existe dentro de uma instituição religiosa, e conhecer mais afundo seus personagens.

¹⁸ Maria José F. Rosado-Nunes: Socióloga, doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (1991); Mestre em Ciências Sociais pela PUC/São Paulo (1984) e pela Université Catholique, Louvain ? la ? Neuve, Bélgica (1986). É Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde faz parte do Colegiado e integrou o Comitê Acadêmico. Ainda nesta instituição é Representante Docente da Faculdade de Ciências Sociais junto ao Conselho Universitário (CONSUN), foi Coordenadora da Área de Religião e Sociedade do Programa de Ciências da Religião, membro do conselho da Faculdade e integra a Comissão Interna de Recredenciamento do Curso de História. Professora convidada da Harvard University em 2003; É líder e fundadora do grupo de pesquisa Gênero, Religião e Política (GREPO), certificado pelo CNPq, existente desde 1995. É pesquisadora nível 1 do CNPq, membro dos Conselhos do NEMGE/USP e da Revista de Estudos Feministas, entre vários outros. Integra, a convite, @s 100 United Nations Global Experts. Faz parte do Conselho Oficial da Global Fund for Women; do Conselho Administrativo Associação Mulheres pela paz; do Conselho Assessor da Coordenação da Red Latino-americana de Católicas por el Derecho a Decidir e participa do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas e Sociais (NAPPS). É autora de artigos e capítulos de livros em obras nacionais e internacionais, algumas das quais receberam prêmios, como o da UNESCO (1995), Jabuti e Casa Grande & Senzala (1998). Seus campos de interesse incluem: o cruzamento das questões feministas e de gênero com a religião; as discussões sobre o lugar e o papel das religiões em sociedades modernas e democráticas; permanências e transformações do Catolicismo. Fundou e dirige a ONG Católicas pelo Direito de Decidir. Em 2005, foi indicada pela Associação Mil Mulheres pela Paz, juntamente com outras 51 brasileiras, para receber coletivamente o prêmio Nobel da Paz. Recebeu ainda o Prêmio ASHOKA como empreendedora social (maio 2007). ORCID - 0000-0002-8686-4349

Com o advento da teologia feminista algumas inserções são feitas dentro das religiões pentecostais e com isso pautas são colocadas em estudo por mulheres que estão dentro do movimento e buscam um olhar feminista para entender alguns aspectos bíblicos e social.

Breve Conceito de Teologia Feminista

A teologia feminista consiste em buscar um novo conhecimento de deus desde que este não seja moldado aos padrões judaico-cristãos ou a outras vertentes monoteístas que apresentam um deus masculino e autoritário em relação ao feminino ou ao ser mulher. A teologia feminista surge no mesmo período em que surge o próprio movimento entre os séculos XIX e XX, sendo que a epistemologia da teologia feminista é a mesma do movimento feminista.

Muitas autoras são apresentadas como teólogas feministas. No universo cristão temos como principal nome Ivone Gebara, Outros como Alexya Salvador¹⁹, Nancy Cardoso, Carla Mantovani, Odja Barros, Romi Bencke, Valéria Vilhena, Lusmarina Garcia, Maria José Rosado e Vanessa Barbosa. Destas, acompanharemos os textos de algumas em especial.

Existe Feminismo Evangélico?

Ao se pensar ou a estudar o movimento do feminismo evangélico é comum ouvirmos indagações sobre o mesmo, estas são oriundas do senso comum e em alguns casos denotam desconhecimento de muitos sobre o meio evangélico. Para muitos o segmento evangélico é rodeado de dogmas e proibições que fazem com que o seguidor se torne “alienado” a partir deste momento buscaremos responder as seguintes perguntas: Existe Feminismo Evangélico? – As evangélicas podem ser feministas? – Em que área do movimento evangélico o feminismo mais tem se apresentado? Quais os autores que trabalham esse tema?

¹⁹ Alexya Salvador é a primeira clériga transgênero ordenada em 2020 após concluir todos os cursos necessários para assumir tal cargo na Igreja da Comunidade Metropolitana, igreja esta que se declara inclusiva conforme apresentado em: <https://www.icmbrasil.org.br/quem-somos/>

Podemos dizer que o movimento feminista evangélico não possui um conceito próprio ainda se apresenta com as mesmas pautas do feminismo secular e com isso, dentro do meio evangélico tem havido uma crescente discussão sobre o posicionamento da mulher em instituições religiosas. As suas principais reivindicações são as mesmas lutas que dos movimentos identitários: buscam o direito ao aborto, onde a própria Luiza Barcelos escreve sobre essa luta. Existem denominações buscando o casamento homoafetivo, o qual é defendido e praticado pela Igreja Batista de Pinheiro que tem como uma das pastoras a Pastora e teóloga Odja Barros.

Também um fator que tem ganhado espaço e adesão de igrejas é a ordenação pastoral, como veremos a seguir. Com essas lutas sendo travadas pelo então chamado movimento evangélico, algumas autoras falam sobre ele e apresentam suas percepções. Sendo assim, trataremos a partir de agora de conhecer um pouco de temáticas defendidas pela teologia feminista como casamento homoafetivo, aborto e pastorado ou liderança feminina.

Evangélicos na luta pelo aborto

A luta pelo aborto no meio evangélico cresce principalmente nas redes sociais. A autora Luiza Barcelos²⁰ apresenta em seu texto que essas feministas cristãs defendem a luta pelo direito ao aborto e outras agendas, mas ao observarmos as páginas de onde acontecem a divulgação destas lutas *Facebook e Instagram*, vemos que não se diferem de uma página feminista que não segue os padrões que seriam considerados cristãos. A autora nos diz:

Essas composições de feminismo estão entrelaçadas com os novos conceitos e configurações dos movimentos sociais contemporâneos, que se diferem daqueles existentes até o início do século XX -que eram identificados como aqueles compostos por trabalhadores, sindicalistas e camponeses, com orientações arraigadas nas proposições marxistas de classe social em busca de grandes transformações da sociedade -, esse conceito se expande e abrange outras questões por volta dos anos 60 e 70, com a incorporação de pautas indenitárias do movimento negro e do movimento feminista, lutando pela democratização das relações sociais.(BARCELLOS,2018. p.24-25)

Podemos ver que o movimento é difícil de conceituar por possuir uma semelhança muito próxima ao feminismo não evangélico. É algo bem complexo e dentro da sociologia, por exemplo, caminha muito próximo das discussões de gênero

²⁰ Luiza Barcelos – Graduação em Sociologia - UFF

e religiosidade. Sendo assim, podemos pensar que o que o movimento evangélico procura com estes movimentos é questionar algumas diretrizes que outrora eram difundidas de forma desacertada, pois, muitas vezes, quando muitas mulheres começaram no caminho do pentecostalismo, começaram com pastores que não possuem um conhecimento bíblico profundo e somente com o passar do tempo estes pastores começam a estudar de forma mais concisa e fundamentada quando fazem um curso teológico básico e alguns chegam a fazer graduação em teologia para conhecerem melhor os chamados preceitos bíblicos. Como sabemos, muitas instituições protestantes possuem sua própria instituição de ensino e nem sempre ensinam somente teologia a instituições conceituadas em outras áreas de ensino. Como exemplo, há a Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná da Igreja Presbiteriana e a Faculdade Metodista.

Contudo, as denominações evangélicas condenam o aborto por acreditarem ser descumprimento dos preceitos bíblicos. Algumas alegações são feitas com base em textos da Bíblia que dizem: “Não matarás” (Êxodo 20.13) e outras citações semelhantes. A Organização Católica pelo Direito de Existir disse em entrevista à BBC News Brasil que não existe uma citação bíblica que se refira ao aborto.

Casamento Homoafetivo

O casamento homoafetivo é bíblicamente não aceito no meio evangélico, visto que mediante relatos bíblicos as igrejas que creem na inerrância da Bíblia. Apresentam que as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas por possuírem praticas homossexuais, e que o homem e a mulher devem unir-se em matrimônio.

Contrariando esse pensamento, há uma teóloga e pastora da Igreja Batista Pinheiro Pastora Odja Barros²¹ que vem realizando casamentos homoafetivos e defendendo as lutas LGBTQIA+ entre outras defesas. Esta pastora sofreu retaliações ao realizar um casamento homoafetivo levando a Igreja Batista de Pinheiros, Maceió - AL a ser excluída do roll de igrejas da CBB (Convenção Batista Brasileira). Observemos que Odja Barros tornou-se umas das primeiras pastoras desta igreja a

²¹ É doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Coursou Educação Cristã com Música Sacra no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (2001) , Especialização em Assessoria Bíblica e mestrado profissionalizante em Teologia na Escola Superior de Teologia (EST-RS) . É pastora batista e assessora do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) com experiência em Leitura Popular da Bíblia e Leitura bíblica de gênero.

ser consagrada, ela é teóloga da causa feminista e estuda a Bíblia com um olhar feminista. Assim, a igreja de Pinheiros começa a abraçar a causa LGBTQIA+ contrariando as autoridades da CBB e com isso a expulsão consumada.

Uma comunidade diferente até porque é liderada pelo casal de pastores Odja Barros e Welligton Santos. Odja e Welligton têm histórico de acessos ecumênicos assumindo a causa dos mais pobres e luta pela terra junto aos sem-terra. Também, fomos informados que pastor Welligton participa das reuniões do grupo gay de Maceió, que no início causou alguns problemas na própria comunidade. Sobre essa série de ações tão distintas ao padrão conversionista, branco e de classe média típico dos caminhos batistas no Brasil afirma-se que certo universo batista no Nordeste é diferente do Sul e Sudeste. Sim, pois a proximidade do Sul/Sudeste da estrutura pesada da religião acaba sufocando diferentes expressões da fé. Ainda sobre a série de acessos distintos do Nordeste batista vale lembrar a quantidade de membros das comunidades que participaram no passado das Ligas Camponesas (vide o documentário “Cabra Marcado para Morrer” de Eduardo Coutinho) e dos que se encontram acampados nos assentamentos. Por isso, infelizmente, a Igreja Batista de Pinheiro acaba de ser expulsa da CBB, por permitir o batismo de pessoas de identidade LGBT. O processo que ocasionou tal permissão comunitária construiu-se em dez anos de discussão, oração e estudos na comunidade. O impacto da questão foi tão grande nos sites, mídias, que obrigou as lideranças da CBB a reagir rapidamente. (PY,2021)

Como estamos vendo, o movimento feminista e a teologia feminista caminham conjuntamente, no curso Teologia Feminista – Surgimentos e conceitos a professora e palestrante Marga Stroher²² nos diz que a base da teologia feminista é a mesma do feminismo, ou seja, ao querer introduzir a teologia feminista para dentro do movimento evangélico estaremos introduzindo questões que destoam do que este meio acredita.

O movimento feminista traz questionamentos relacionados às doutrinas bíblicas nas igrejas e, assim, alguns autores veem isso como uma distorção dos preceitos que o movimento evangélico considera primordiais e inalteráveis por serem

²² Marga J. Ströher é mestre e doutora em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST de São Leopoldo/RS, com graduação incompleta em Filosofia pelo UNILASALLE. Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Direitos Humanos (em andamento) pela Escola Nacional de Administração Pública/ENAP (em andamento). A pesquisa e a atuação acadêmica caracterizam-se pela interdisciplinaridade e transversalidade e situam-se na linha de hermenêutica, filosofia antiga, história da filosofia, filosofia intercultural, epistemologia feminista, relações de gênero, estudos culturais, educação, história da ciência, direitos humanos, políticas públicas e diversidade na interface com estudos da religião. Projetos de pesquisa concluídos: "O papel da religião e do discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista e a desconstrução do discurso e dos símbolos religiosos para a superação da violência" (CNPq); O papel da religião na produção e na reprodução da violência sexista e a questão dos direitos humanos das mulheres (FAPERGS), "Religião, Poder e Direitos Humanos - Uma abordagem de gênero e etnia em comunidades quilombolas" (CNPq). Atuou como professora na Faculdades EST, de 2002-2010, nos cursos de Teologia e Musicoterapia, e na Escola da Previdência Social junto à Coordenação-Geral de Educação Continuada da Administração Central do INSS, em Brasília, de 2010 a 2011. Atualmente é Assessora da Assessoria de Direitos Humanos e Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e tutora da UNB no curso de Prevenção de Uso de Drogas para Professores de Escolas Públicas (convênio UNB-Prodequi, MEC e Senasp).

constituídos na base bíblica. Como já dito anteriormente, quem se inicia no caminho do meio evangélico é previamente instruído para tais questões.

Mas é necessário conhecer um pouco mais do movimento feminista evangélico, buscando seus principais debates e onde este movimento tem encontrado suporte ou brechas para agir. O principal autor que combate o feminismo evangélico é Wayne Grudem em seus livros “Feminismo Evangélico – um novo caminho para o liberalismo” e “Confrontando o Feminismo Evangélico”. Ele cita alguns pontos que são abordados pelo feminismo que vão contra os preceitos bíblicos.

O primeiro ponto que o autor nos apresenta é sobre o enfraquecimento ou a negação da autoridade da Bíblia. Para o movimento feminista a infalibilidade e inspiração da Bíblia não era algo a ser considerado, mas fora do meio evangélico foi concluído que a Bíblia seria um livro machista que refletia o domínio do patriarcado na cultura tanto israelita quanto grega. Acrescentavam e questionavam o porquê de poucos textos terem sido escritos por mulheres e que a falta da visão feminina ou da voz feminina na Bíblia provocou uma expansão da visão patriarcal a ponto de masculinizar um Deus puro e sem gênero.

A teologia feminista nos diz que é preciso buscar algumas propostas para se entender e o papel da mulher no âmbito bíblico e também construir uma visão da mulher sobre as passagens bíblicas para que os textos não se tornem tão autoritários e masculinizados, com isso, a busca pelas mulheres que se destacam na bíblia e fazer uma análise a partir deste ponto de vista. Ou seja, para a teologia feminista a visão retratada na bíblia é tida como algo que manipula as mulheres aos padrões androcêntricos. Questionando o modelo patriarcal das instituições religiosas e abrindo assim para uma nova forma de ver e pensar as organizações religiosas.

Partindo desta ótica, as feministas se propuseram a questionar qualquer interpretação distorcida, segundo elas, pelo machismo. Com isso, começaram a cogitar uma nova versão da Bíblia esta versão feminista do livro sagrado fora intitulada de *The Womans Bible* (A Bíblia das Mulheres) que fora escrito por Elisabeth Cady Staton em 1895 esta versão seria o resultado de estudos bíblicos entre mulheres cristãs que buscavam uma nova percepção da bíblia porem esta nova versão da Bíblia é tida como gnóstica e não tem a ver com o meio pentecostal. Onde o masculino seria retirado e se apresentaria uma *linguagem neutra* (cunhada por Judith Butler) segundo

*Nicodemos Lopes*²³, onde não se deve referir a Deus como pai e a Cristo como filho. Para estes, a Bíblia masculinizada não é confiável e uma versão com as histórias das mulheres de hoje precisaria ser escrita, pois estas mulheres precisariam entrar para o cânon bíblico.

As ativistas do feminismo evangélico apresentaram uma rejeição grande ao patriarcado e a submissão aos papéis que lhes eram impostos pelos homens e a cultura patriarcal que domina as sociedades modernas. Estas chegaram à conclusão de que as mulheres eram o referencial para elas mesmas, para se auto definirem. Com isso, na década de 70, os movimentos que atualmente são conhecidos pela sigla LGBTQIA+ simpatizaram com o movimento feminista evangélico fazendo com que, em algumas igrejas evangélicas, surgissem lésbicas que lutavam pela ordenação de mulheres bem como pela aceitação de homossexuais e lésbicas como membros professantes.

As feministas evangélicas negam a autoridade ou a veracidade da Bíblia, principalmente em relação ao livro de Genesis 1-3. Este texto, para elas, refere-se ao patriarcado equivocado, e elas questionam as linguagens utilizadas para a elaboração da bíblica. As adeptas ao movimento feminista também questionam a temporalidade cultural, inquirindo a liderança masculina que seria algo referente a cultura da época. Como nos apresenta o trecho a baixo de Grudem.

A Bíblia, portanto, anuncia clara e precisamente desde o princípio que os homens não são superiores as mulheres nem as mulheres inferiores aos homens. Ambos têm igual importância e valor para Deus. Toda vez que homens e mulheres não ouvem com respeito a atenção e pontos de vistas do outro, desprezam a inteligência do outro ou que não valorizam os dons e as preferencias do outro como as suas próprias estão rejeitando o ensinamento encontrado em Genesis 1.27. (Grudem,2009. p.20)

No trecho acima vemos que o autor aponta como ponto principal a autoridade da Bíblia e com isso, a igualdade entre homens e mulheres dizendo que ao se estudar o livro de Gênesis percebe-se que não existe superioridade do homem em relação a mulher e que ambos têm importância desde sua criação. Ao se ler isoladamente o capítulo e versículo mencionado vemos que tanto o homem quanto a mulher foram

²³ Augustus Nicodemus Gomes Lopes é um pastor protestante, escritor, teólogo, professor e conferencista brasileiro e vice-presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

criados a semelhança de Deus embora os movimentos feministas questionem isso como veremos mais adiante.

O Movimento Feminista E O Protestantismo

Do ponto de vista do movimento feminista, na religião cristã ou protestantismo as mulheres são inferiorizadas, fazendo com que se submetam às lideranças eclesiais e aos homens, mas esse ponto de vista é baseado em informações do senso comum que onde nem sempre são, pois, sabemos que existem outras religiões que inferiorizam as mulheres de uma maneira mais nefanda do que o próprio Cristianismo. Quando alguém se torna adepto de uma causa, seja ela qual for, tem normativas a seguir perante elas. Assim, mulheres cristãs seguem essas normas de forma veemente, tendo em vista este princípio. Da mesma forma, dentro do contexto sociedade, mulheres brasileiras têm que seguir a constituição e suas normativas. O descumprimento destas poderá levá-las a sofrer punições.

No caso da mulher que pertence a uma denominação evangélica, ela possui as normas dessa denominação para seguir, sendo que, na maioria das vezes, as normas das instituições evangélicas são norteadas pela Bíblia e regulamentadas em seus credos ou declarações de fé²⁴. Sabemos que a grande maioria do público evangélico cresce dentro deste meio, porém não existe a imposição do batismo²⁵ por obrigatoriedade para qualquer pessoa que nasça no meio protestante antes de se chegar ao batismo o possível seguidor(a) deve participar de um curso chamado de Discipulado²⁶, onde todos os preceitos das igrejas lhes são apresentados.

Embora o protestantismo tenha surgido a partir do questionamento do modo como a instituição cristã vinha agindo, o meio evangélico elucida que o seguidor, tendo conhecimento adquirido a partir do discipulado, pode decidir se permanece na instituição e observa seus preceitos e normativas ou não. Se mesmo com seus questionamentos optar por seguir na instituição, deve obedecer às normas a ele

²⁴ Algumas declarações de fé e credos de igrejas estudadas serão apresentadas aqui em anexo.

²⁵ Batismo: Confissão pública de fé como é chamado no meio evangélico o momento em que os novos seguidores de uma denominação entram em um local com água para simbolizar sua conversão, na maioria destes o batismo é por imersão, quando o fiel é submerso na água.

²⁶ Curso preparatório para o seguir a fé dentro de uma denominação religiosa, este título Discipulado é utilizado principalmente nas Igrejas Assembléia de Deus.

apresentadas, por ser este o vínculo espiritual que encontrou com Deus. Embora bell hooks diga que existam caminhos espirituais alternativos, para os evangélicos a adaptação vem de forma individual e, segundo eles, durante a caminhada de qualquer indivíduo em qualquer instituição, questionamentos poderão existir assim como a liberdade de se deixar o caminho de uma religião protestante pode vir a acontecer, como ocorreu, por exemplo, com Martin Luther King Jr.²⁷.

Portanto, quando a mulher decide seguir uma destas denominações apresentadas, é trazido a seu conhecimento toda a questão antes dela de firmar compromisso. O que a torna conhecedora de preceitos e doutrinas de sua comunidade. Por isso, seguir com veemência todas as ordenanças não a leva a questionar e nem a se sentir inferiorizada pela presidência pastoral, considerando que tais ordenanças são determinadas pela Bíblia, que é o livro base da maior parte das igrejas evangélicas. Deste modo, a submissão ao esposo e à hierarquia masculina na igreja, para a mulher protestante, seria vista como algo positivo e não como opressão e escravização.

Com isso, pode soar contraditório alguém pertence ao meio evangélico questionar as diretrizes da igreja, sendo que as mesmas foram instituídas e apresentadas desde o início da aproximação do indivíduo com o movimento protestante, e também por menor que seja o número de mulheres que passam a ser membras de uma denominação evangélica questionar as diretrizes da igreja quanto a sua estrutura, também e dissonante por terem passado pelo mesmo disciplinado antes de entrar neste seguimento de fé, a igreja Assembleia de Deus Missão Belém²⁸ no momento do batismo apresenta um juramento em que diz: “ Eu prometo ser fiel a Jesus e a sua Igreja.”²⁹ Portanto se o seguidor(a) faz esse juramento publicamente, compromete-se a obedecer as normas que lhe foram apresentadas antes do batismo.

Segundo Aragão Filho, o movimento feminista fomentou o discurso sobre a identidade de gênero, na questão pública e privada, com apoio da psicanálise e do

²⁷ Martin Luther King Jr. foi um pastor batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos de 1955 até seu assassinato em 1968

²⁸ Refere-se ao surgimento da denominação no país sendo que a primeira nasceu em Belém do Para em 1911. Posteriormente desta se originou outras denominações ou ramificações da Assembleia de Deus que podem em seus regulamentos aceitar a nomeação de pastoreio feminino por exemplo.

²⁹ Este juramento não está presente em nenhum documento oficial das Assembleias de Deus, porém em cada cerimônia batismal é utilizado.

materialismo. Bourdieu vem concordar e complementar o que Aragão diz, quando em seu livro *Dominação Masculina* afirma que a crítica feminista fez com que a denominação masculina se tornasse algo discutível chegando a romper com a supremacia masculina. Em contraponto a isso, Simone de Beauvoir diz que a mulher é um ser a ser construído, onde pode se adquirir características de mulher na fêmea que já existe, tornando-se, assim uma mulher, e que neste ponto seria a mulher uma junção das atividades masculinas ou da masculinização da fêmea onde a mesma conquista posições por intermédio de homens ou por si mesma através da luta que o feminismo trava no pós-guerra.

O número de mulheres que possuem vínculo ou se declaram evangélicas no Brasil, segundo o site *Latinobarômetro*, é de 28,8%. Enquanto isso, dentro de igrejas cristãs cresce o número de consagração de “pastoras” que, somente na Igreja Batista em 2013, era de 157 pastoras³⁰ ou líderes evangélicas mulheres. Embora historicamente tenhamos outras igrejas que já nomeavam pastoras como: Igreja Metodista 1974; Igreja Luterana ordena mulheres desde 1982; Igreja Episcopal Anglicana 1985; Presbiteriana Independente 1999; Igreja Batista 2000; Assembleia de Deus – Ministério Madureira 2014, segundo Marga Stroher.

Mas de onde vem essa influência para que a mulher ganhe lugar de destaque nas igrejas Neopentecostais? Tendo em vista que a grande maioria do povo evangélico ser de mulheres. A busca pelo fim do patriarcado ou até mesmo para que as lideranças sejam igualitárias nos movimentos religiosos vem dos movimentos sociais que são formados por grupos de pessoas que lutam por uma mesma causa, e, na maioria das vezes, costumam ser vistos de forma preconceituosa pela sociedade, que os rotula como grupos de pessoas que se preocupam com coisas consideradas desnecessárias. Por esse motivo, o movimento podemos pensar que o Neopentecostalismo abriu suas portas para esta luta de cunho identitário e assim possibilitando adaptações e até alterações em seus credos e normativas para atingirem o maior público possível.

Após vermos este panorama de pastoras apresentadas a cima vemos que enquanto movimento social as denominações neopentecostais têm mostrado

³⁰ Fonte: https://istoe.com.br/325432_A+FORCA+DAS+PASTORAS/

interesse em dialogar como estes movimentos que no Brasil e no mundo são atualmente mais de cunho identitário, ou seja, movimentos que defendem negros, mulheres, LGBTQIA+ e outras representatividades. Dentro do movimento social que interessa ao presente trabalho, o foco é o movimento das mulheres ou do Movimento Feminista e como este movimento busca em suas pautas a defesa dos direitos das mulheres na sociedade, na política e, mais recentemente, na espiritualidade. Para começar a definir este movimento social, segue um trecho extraído do livro de Daniela Brum³¹, *Feminismo Pra Quem?*

Em tempos de feminismo raso e pouco verossímil que se propaga pela internet e ganha destaque nas mídias, uma das grandes interpretações errôneas feitas a respeito do movimento é a ideia de que a palavra “sororidade” tem a ver com amar todas as mulheres. Sororidade não diz respeito a isso. O feminismo, aliás, não é sobre amor. (BRUM.2020 p.27)

Ser feminista não te obriga a passar a mão na cabeça de mulheres que contribuam para reproduzir violências diariamente, perpetuam opressões, colaboram para que as desigualdades aumentem, usam de seus privilégios para discriminar, oprimir ou ferir alguém. Essas mulheres não precisam de sua empatia. (BRUM.2020 p.28)

A autora apresenta no tópico “ *Feminismo não é sobre amar todas as mulheres nem odiar todos os homens*”, sua versão do feminismo atual, que muitas vezes é difundido com a ideia de que o mesmo dita como regra o seu amor a todas as mulheres e ódio a todos os homens. No primeiro trecho da obra surge a palavra “sororidade”, que, segundo a autora, o feminismo traduz como união entre todas as mulheres, quando esta palavra deveria ser vista como solidarização entre as mulheres com as mesmas dores. O segundo trecho apresenta que ser mulher feminista não obriga uma mulher a aceitar as atitudes incorretas e incoerentes de outra mulher, só por ela pertencer ao movimento. Muitas vezes são encobertas atitudes de outra mulher só por ela pertencer ao movimento sendo este dentro do feminismo como do pentecostalismo, onde muitas pessoas sofrem os mais variados tipos de abuso, com tudo, encobrir essa atitude faz com que quem o pratica iguale-se a esta mulher que é abusadora, esteja ela em qualquer classe social ou posto de autoridade.

³¹ Daniela Moraes Brum, mais conhecida como Dani, é **mãe do Benício, produtora de conteúdo, militante e criadora da página 'Feminismo'**, que hoje tem mais de 890 mil seguidores espalhados por todos os estados do Brasil.

Ao se pensar ou a estudar o movimento do feminismo evangélico é comum ouvirmos indagações sobre o mesmo, estas são oriundas do senso comum e em alguns casos denotam desconhecimento de muitos sobre o meio evangélico. Para muitos o segmento evangélico é rodeado de dogmas e proibições que fazem com que o seguidor se torne “alienado” a partir deste momento buscaremos responder as seguintes perguntas: Existe Feminismo Evangélico? – As evangélicas podem ser feministas? – Em que área do movimento evangélico o feminismo mais tem se apresentado? Quais os autores que trabalham esse tema?

As feministas evangélicas negam a autoridade ou a veracidade da Bíblia, principalmente em relação ao livro de Genesis 1-3. Este texto, para elas, refere-se ao patriarcado equivocado, e elas questionam as linguagens utilizadas para a elaboração da bíblica. As adeptas ao movimento feminista também questionam a temporalidade cultural, inquirindo a liderança masculina que seria algo referente a cultura da época. Como nos apresenta o trecho a baixo de Gruden.

A Bíblia, portanto, anuncia clara e precisamente desde o princípio que os homens não são superiores as mulheres nem as mulheres inferiores aos homens. Ambos têm igual importância e valor para Deus. Toda vez que homens e mulheres não ouvem com respeito a atenção e pontos de vistas do outro, desprezam a inteligência do outro ou que não valorizam os dons e as preferencias do outro como as suas próprias estão rejeitando o ensinamento encontrado em Genesis 1.27. (Grudem,2009. p.20)

No trecho acima vemos que o autor aponta como ponto principal a autoridade da Bíblia e com isso, a igualdade entre homens e mulheres dizendo que ao se estudar o livro de Gênesis percebe-se que não existe superioridade do homem em relação a mulher e que ambos têm importância desde sua criação. Ao se ler isoladamente o capítulo e versículo mencionado vemos que tanto o homem quanto a mulher foram criados a semelhança de Deus embora os movimentos feministas questionem isso como veremos mais adiante.

Reinterpretação do Cristianismo

O Cristianismo é um movimento moldado dentro da fé em um único Deus, tendo como figura principal Cristo. Com isso, no primeiro episódio do podcast do Redomas podemos analisar o Episódio de número 8 intitulado Cristianismo e o

Feminino as interlocutoras apresentam o tema sem a intenção de fechar um conceito para ambos, mas sim discutir os diversos aspectos que podem ser vistos dentro tanto do cristianismo como do feminismo. No referido episódio, questiona-se a forma como as pessoas se referem a Deus como Pai e não como mãe, ou como Senhor e não como Senhora, visto que “se Deus é nossa imagem e semelhança como pode assemelhar-se a uma mulher sendo homem?”³² Estas indagações também fizeram parte das inquietações do movimento feminista que buscou uma nova interpretação para o Cristianismo, sendo, de certa forma, semelhante aos questionamentos das debatedoras do Podcast Redomascast³³ no episódio intitulado de Cristianismo e o Feminino.

Dentro desta nova ótica bíblica, necessitou ser alterado o cristianismo, pois o cristianismo tal qual apresentado tradicionalmente não se adequava aos novos desígnios de uma verdadeira religião. Dessa forma, rituais e cultos pagãos foram cristianizados trazendo uma nova realidade de crença e mais veracidade ao que se pregava. Por exemplo, para o movimento era preciso exaltar a fertilidade da terra, bem como suas colheitas. Também, o feminismo via que o homem tirava a vida enquanto a mulher dava a vida, sendo, para estes, mais coerente um deus feminino ou sem gênero do que um deus masculino.

Reinterpretação de Deus

Com as ressignificações da Bíblia e do cristianismo, chegou-se ao ponto de ressignificar Deus. Para que esta reinvenção fosse permitida, em 1993, em Mineápolis, nos Estados Unidos, aconteceu um congresso intitulado Re-imaginando Deus, onde 800 feministas, gays e lésbicas se reuniram para reimaginar Deus. Os participantes deste congresso chegaram a algumas conclusões e aqui está um pouco delas:

- A verdadeira divindade de Israel seria uma deusa chamada Sofia que os autores masculinos transformaram em Javé;

³² Questão feita pela Bianca Rati no episódio 8 do Redomascast

³³ Fonte: <http://projetoedomas.com/quem-somos/>

- Jesus Cristo seria a encarnação desta deusa que é a personificação da Sabedoria e da Ciência.

Com essa nova reinterpretação de Deus as mulheres começaram a definir novas divindades e dentre essas chegar a uma possível divindade mulher, com isso, instala-se a eclesiologia feminista, que busca conhecer estas divindades que a teologia feminista nos apresenta. O primeiro passo para se chegar a este estudo é buscar uma nova forma de nomeação ou uma nova linguagem para Deus. Segundo as teólogas Louise Schotroff, Carol Cristh, Monika Otterman e Anete Roese existem resquícios de divindades israelitas femininas.

A principal personagem bíblica citada por estas autoras como uma divindade é Asherá que era conhecida como a Deusa da fertilidade, Deusa arvore, poste-ídolo, conforme apresentado no livro de Reis capítulo 18 e versículo 19 que diz:

Agora, pois, envia, ajunta a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem da mesa de Jezabel. (BIBLIA SAGRADA,2015)

Alguns estudos apresentam suas perspectivas de dentro do movimento evangélico quanto ao papel feminino nas igrejas evangélicas, como os de Aragão Filho, que apresenta um comparativo do movimento pentecostal em relação ao movimento feminista e à ordenação de pastoras, tendo como foco a Igreja Sara a Nossa Terra.

Já a autora Carolina Bandini³⁴ apresenta a visão do ministério feminino na Igreja do Evangelho Quadrangular, onde aponta as visões de teólogas feministas e a apresentação do rótulo único, e também mostra que esta denominação foi a única a ser fundada por uma mulher.

Vanessa Meira³⁵ traz o feminismo e as mulheres cristãs conservadoras, relatando os Quakers que dissipam a ideia de igualdade entre gêneros na criação e

³⁴ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos

³⁵ Escritora, Pedagoga, Doutora em Teologia (Teologia Prática - Faculdade EST, São Leopoldo, RS), Mestra em Teologia (Religião e Educação - EST, São Leopoldo, RS, 2017). Tem experiência na área educacional, atuando como Coordenadora Disciplinar na Escola Adventista de Florianópolis - Unidade Centro, professora regente de séries iniciais (especialmente para turmas de Quinto Ano) na Escola Adventista de Florianópolis - Unidade Estreito, Escola Adventista de Indaial e Orientadora Pedagógica no Instituto Adventista de Ensino de Santa

na restauração em Cristo. Apresenta também uma tendência do feminismo em vender uma visão negativa da religião e uma imagem de um cristianismo opressor. O Revisionismo Histórico apresentado por esta autora ressalta os erros do cristianismo e omite os acertos ou transfere os mesmos para outra ideologia como a ideologia marxista, por exemplo. Ainda discorre sobre mulheres que foram ofuscadas pelas sufragistas, assim como manifesta críticas ao cristianismo, citando Elizabeth Cady Station e Matilda Joslyn Cage. Dentro deste mesmo texto, há outros pontos importantes apresentados por Meira com relação ao cristianismo e o feminismo segundo ela:

Enquanto **o feminismo parecia encorajar a descristianização**, as teorias secularistas não se confirmaram e a religião se revitalizou. Um dos efeitos dessa **crítica feminista as religiões foi o abandono de qualquer fé religiosa por mulheres**, ou no mínimo, **a criação de espaços alternativos de espiritualidade**. Por outro lado, houve também a criação de um **sentimento antifeminista em mulheres religiosas** que não se viram representadas por esses setores do movimento. Assim, a suposição de que o secularismo seria a posição feminista ideal e superior está sendo questionada, pois **muitas mulheres encontram apoio na religião para seu processo emancipatório**, e também **porque essa suposição secularista rotula e marginaliza as mulheres religiosas (Grifo meu)**. (MEIRA, 2017. p. 264)

A partir destas colocações, é apresentado o movimento antifeminista no qual mulheres religiosas dizem que encontram apoio para sua emancipação na religião e que a visão do mundo secular e feminista as marginaliza. Em seguida, Bandini faz referência a Mary Hunt, que defende o feminismo cristão, luta contra o machismo nas instituições religiosas e busca a mudança das estruturas ao invés de abandoná-las. Assim, surge a Feministização da Religião, que busca o fim da tradição judaico-cristã, dando um fim a Deus e espiritualizando a deusa. Ou seja, com estas pautas a feminização busca a figura de um novo deus. A autora ainda traz uma lista de feministas abolicionistas e não abolicionistas sendo elas Quakers ou não.

“[...]”, Mas é suficiente para demonstrar que o cristianismo não pode ser acusado de opressor de uma maneira generalizada, pois foi um dos principais fatores motivadores para o ativismo da Primeira Onda. O mais correto, e justo, seria afirmar que houve setores do cristianismo que reproduziram a opressão cultural, e houve setores que ergueram a bandeira da libertação feminina com fundamentação teológica. ” (MEIRA, 2017, pg.276)

A autora Luiza Barcellos traz um breve estudo sobre as redes feministas evangélicas, buscando um conhecimento científico, doutrinário e teológico, retratando as ambiguidades de mulheres feministas que integram os meios evangélicos e se identificam como feministas. Apresenta também a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto – FEPLA, na qual muitas se identificam com intelectuais evangélicos e se aproximam da esquerda. Fala também do Ciberfeminismo e relata as forças dormentes que são dispositivos que podem ser acionados a qualquer momento e organizados de forma não institucional via redes sociais e blogs.

Assim como Barcellos, Aragão Filho também aborda o tema Pastorado Feminino como uma divergência dentro das denominações evangélicas e demonstra como as ondas do pentecostalismo se aproximam das ondas do feminismo. Barcelos cita denominações que não ordenam pastoras, bem como denominações evangélicas que ordenam. Outro ponto importante a ser observado é a não oficialização do feminismo dentro das igrejas. Ainda assim há a Teologia Feminista que apresenta diferentes formas de abordagens dentro do meio cristão, seja ele católico ou protestante. A autora também fala sobre a necessidade que existe de uma divindade, sendo essa divindade deus ou deusa.

Com esses apontamentos, este trabalho busca conhecer e apresentar melhor os pontos de vista em relação ao feminismo evangélico e ao grande número de pastoras que vem se apresentando nos dias de hoje. Seria o feminismo uma distorção ou acomodação cultural dentro das instituições evangélicas ou apenas uma forma de revitalização do meio evangélico? Também discorre sobre o feminismo religioso, a teologia feminista e o feminismo evangélico, e busca conhecer quem são suas principais representantes, e também seus opositores. Dentro do feminismo evangélico procura conhecer e descobrir se o movimento de consagração de Pastoras está ligado ao mesmo e quais denominações evangélicas aceitam esta prática e quais desaprovam a mesma.

Pastorado Feminino

A ascensão feminina nas igrejas tem se dado ao fator da consagração de Pastoras em algumas designações evangélicas. Este crescente feminino pode ser

visto como uma conquista deste movimento feminista? O movimento feminista ganhou maior visibilidade pós revolução industrial com intuito de igualar os direitos de mulheres e homens. Posteriormente, o movimento ganhou novas vertentes ou significações, tendo em vista que nem todas se sentiam abraçadas pelo movimento que se intensificou a partir do século XIX. Ainda neste século, Sojourner Truth³⁶ apresentou seu discurso em uma convenção para mulheres em Akron, Ohio, onde questionou a condição da mulher negra. A partir deste discurso muitas mulheres negras se sentiram representadas.

O discurso de Sojourner não fez com que somente as mulheres negras se identificassem, mas também trouxe a questão do fato de muitas mulheres não se enquadrarem dentro do estereótipo que já era difundido como mulher. No século XX, o feminismo evangélico começou a existir ou surgir, segundo Nicodemos Lopes, com o marco do livro de Katherine Bliss — *The Service and Status of Women in the Church*, que questiona o papel da mulher nas igrejas, e o porquê de mulheres ocuparem cargos de menor importância nas instituições religiosas. Ele ainda apresenta a “Síndrome das Mulheres Limitadas aos Papeis da Casa e de Esposa” que também é citado no livro *A Mística Feminina*, de Betty Friedan³⁷, com uma nova nomenclatura: O problema sem nome.

O que exatamente era esse problema sem nome? Quais eram as palavras que as mulheres usavam quando tentavam expressá-lo? Às vezes, uma dizia: “Eu me sinto vazia de alguma maneira...incompleta.” Ou: “Parece eu que não existo” (Friedan, 1921-2006. P.19)

No ano de 1961, ocorreu o Concílio Mundial de Igrejas (CMI). Neste evento, apresentou-se um pedido de reexame de tradições e leis canônicas e as igrejas, de maioria cristãs (Católicas e Protestantes), que dele participaram, acenavam para a possibilidade de ordenação tanto para mulheres quanto para os homens. Os argumentos que eram apresentados para a inclusão de mulheres na liderança

³⁶ Abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americana. Truth nasceu escravizada em Swartekill, Nova Iorque, mas escapou com sua filha pequena para a liberdade em 1826.

³⁷ Betty Naomi Goldstein, mais conhecida como Betty Friedan, foi uma importante ativista feminista estadunidense do século XX. Participou também de movimentos marxistas e judaicos. Nascimento: 4 de fevereiro de 1921, Peoria, Illinois, EUA Falecimento: 4 de fevereiro de 2006, Washington, D.C., EUA

eclesiástica eram os mesmos argumentos utilizados por feministas seculares que apresentavam o sexismo no âmbito institucional da igreja. Com isso, a primeira e principal pauta do movimento feminista evangélico era os mesmos direitos iguais para homens e mulheres. Então, as igrejas concluíram que as mulheres precisavam libertar-se dentro das igrejas.

Nos argumentos apresentados pelo movimento feminista evangélico encontram-se algumas similaridades com o movimento feminista secular³⁸, como o combate ao patriarcado e a luta pela igualdade de gênero. Além da luta pela igualdade de gênero sabemos que a questão do poder ou da autoridade é algo que fascina homens e mulheres com isso a luta pelo pastorado se torna uma luta de poder em um universo dominado pelo patriarcado. O conceito de patriarcado, do latim *patriacartus*, *pater significa pai e arche significa governo*, ou seja, *patriarcado seria o governo do pai*. Mas também pode ser visto como poder real onde pais passavam o trono para filhos ou familiares. Partindo deste ponto, as feministas evangélicas afirmam que os teólogos e líderes de igrejas são influenciados pelo patriarcado e, por isso, acabam por excluir as mulheres de cargos de lideranças tanto no âmbito conjugal quanto no âmbito religioso.

No livro *A Mística Feminina*, a autora Betty Friedan apresenta um conceito para o “problema sem nome”: embora muitas mulheres escolhessem serem esposas e mães, era grande a sua insatisfação, e esta mesma angústia as levava a lotar os consultórios psiquiátricos para descobrirem qual era o real problema. Nos consultórios, o problema sem nome era reduzido a algumas frases, como é possível ver no trecho a seguir:

O problema sem nome era minimizado dizendo a dona de casa que ela não percebia como tinha sorte: era sua própria chefe, não batia ponto, não tinha nenhum estagiário querendo roubar sua vaga. E daí que não fosse feliz? (...). Será que ainda não tinha se dado conta como tinha sorte por ser mulher? (FRIEDAN, 1921-2006 p.22)

Este problema sem nome possuía três características distintas relatadas no livro de Friedan por mulheres que não se adequavam ao papel feminino e vinham se sentindo insatisfeitas, inseguras e inexistentes esta insatisfação relata a autora que se dava por viverem em uma rotina pesada com os cuidados da casa, dos filhos,

³⁸ Secular – termo utilizado para designar o que não pertence ao meio Cristão-evangélico

marido e muitas vezes com a igreja, porém essa relação de mulheres e igreja não significava responsabilidade eclesíásticas e sim a participação em missas e/ou cultos acompanhando sua família. Da alegria que estampava capas de revistas estadunidenses não refletia exatamente o que as mesmas estavam sentindo no seu interior. Para que as visões das capas de revistas fossem vistas dentro de casa os consultórios psicológicos e até psiquiátricos se enchiam para as mesmas desabafarem sobre o então problema sem nome, outra alternativa veio da indústria de produtos para o lar, com aperfeiçoamento de moveis e eletrodomésticos exclusivamente para as cozinhas, para facilitarem a vida das mulheres.

Outro ponto apresentado pelo feminismo evangélico é a igualdade de sexos, onde se questiona a maneira de ensinar a Bíblia. Para este grupo, a Bíblia apoia a igualdade de gêneros, porém os líderes religiosos excluíram as mulheres das funções de autoridade, tornando isso como um produto que foi amputado das escrituras sagradas. Sendo estas as orientações bíblicas para se almejar o pastoreio de uma igreja que se encontra registrado no livro de 1 Timóteo 3:1-7:

Fiel é esta palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas, não ganancioso; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não neófito, para que não se ensoberbeça e venha a cair na condenação do Diabo. Também é necessário que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em opróbrio, e no laço do Diabo. (Bíblia Sagrada,)

As teses destas eram similares às teses do movimento feminista secular, no qual se afirmava que não há diferença entre homem e mulher no que tange a intelecto, psique e emoções, e que os únicos fatores que diferem no homem e na mulher são os fatores culturais, sem nenhuma diferenciação biológica que interfira na determinação da personalidade ou caráter das pessoas. Com essa teorização, as feministas reivindicavam liderança feminina tanto em casa quanto na igreja.

A teologia feminista vem a ser uma das vertentes do feminismo evangélico, embora uma de suas principais teóricas seja uma freira, Ivone Gebara³⁹. Os nomes

³⁹ Ivone Gebara é uma freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira. Nascida em São Paulo, de ascendência sírio-libanesa, ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho em 1967, aos vinte e dois anos, depois de graduar-se em filosofia.

que defendem o feminismo evangélico surgem na literatura secular tanto quanto na evangélica. Com o advento do CMI de 1961, começou-se a cogitar uma teologia feminista que trabalharia com os principais pontos a serem defendidos pelo feminismo evangélico.

O meio evangélico tem se deparado com um número crescente de Pastoras, que são consagradas na maioria das vezes por seus esposos, o que não caracterizaria conquista do movimento feminista evangélico, mas sim uma conquista por consequência do benefício masculino de seus respectivos esposos, que já ocupam o cargo de Pastor. Para se difundir a ideia de pastorado feminino os movimentos feministas junto com a teologia feminista precisaram dizer que Paulo estava errado ao falar a igreja de Corinto sobre o lugar da mulher durante o culto.

Vocês todos podem anunciar a mensagem de Deus, um de cada vez, para que todos aprendam e fiquem animados. Quem fala deve controlar o dom de anunciar a mensagem de Deus, pois Deus não quer que nós vivamos em desordem e sim em paz. Como em todas as igrejas do povo de Deus, as mulheres devem ficar caladas nas reuniões de adoração. Elas não têm permissão para falar. Como diz a Lei, elas não devem ter cargos de direção. Se quiserem saber alguma coisa, que perguntem em casa ao marido. É vergonhoso que uma mulher fale nas reuniões de igreja. (BÍBLIA SAGRADA NTLH,p.1500)

Existe também o cargo de pastora que vem de cunho afetivo, quando a esposa do pastor é chamada de pastora por carinho ou respeito este tratamento afetivo é aceito por algumas esposas de pastores nas mais variadas denominações. Ainda assim, o feminismo evangélico aponta que a mulher está ganhando espaço e lugar nas igrejas atualmente, podendo assumir posições de liderança e definir ações que anteriormente só cabiam aos homens assumir.

Se pensarmos hoje no ministério de oração e no ministério de louvor das igrejas, boa parte das pessoas integrantes deste ministério são mulheres, sendo que se pegarmos o antigo testamento e observarmos na época de Moisés por exemplo que foram designados os sacerdotes pertencentes a tribo de Levi para cuidarem do tabernáculo, podemos ver que somente homens eram permitidos ser consagrados sacerdotes. Porém na época de Cristo, se o mesmo quisesse alterar essa ordenança masculina teria feito, mas não entraria em contradição com os padrões da época.

“Quando Jesus escolheu seus doze apóstolos que seriam o fundamento doutrinário da igreja escolheu homens, certamente Jesus tinha mulheres capacitadas para escolher, mas ele não o fez. Ali era o melhor momento para reformular e mudar qualquer comportamento prático na vida do povo de Israel e Jesus não o fez. Jesus continuou uma prática que era muito comum no AT, que era a liderança religiosa masculina, porque Jesus não mudou as coisas, a nova aliança era a melhor forma de mudar preceitos patriarcais ligados a estrutura religiosa de Israel ou a situações meramente cerimoniais ou vencer padrões culturais ruins, mas Jesus mantém essa estrutura de liderança religiosa masculina no NT. O que nos chama mais atenção ainda é o fato de que no mundo antigo tanto no AT quanto no NT, no tempo de Jesus, religião era coisa de mulher você tinha sacerdotisas, orar em público era um ato estritamente feminino, Jesus não estava indo contra a cultura do seu tempo ao estabelecer apenas homens, Jesus não estava se submetendo a uma cultura machista de seu tempo ao escolher apenas homens como líderes da igreja, na verdade Jesus estava indo contra a cultura do seu tempo, o que Jesus estava fazendo era fazer com que as pessoas ficassem escandalizadas porque o normal era que mulheres fossem líderes religiosas e não homens, Jesus teve que ir contra a sua cultura e certamente deixar algumas pessoas em volta escandalizadas e resabiadas ao escolher lideranças masculinas.” (MARTINS, 2019. min.2:15-3:47)

É possível perceber que o feminismo secular aponta diariamente que a mulher deveria ocupar os espaços em todos os âmbitos. Assim, o movimento evangélico também se modernizou, apresentando cargos femininos em algumas igrejas evangélicas. Porém surge o questionamento: como um movimento que contraria os preceitos evangélicos pode se instalar neste meio sem contradizê-lo? Existe a possibilidade de o movimento feminista ter entrado no ambiente evangélico de uma forma desconhecida, onde elementos do discurso feminista possam ter alcançado este meio. No livro *O Feminismo Evangélico*, de Wayne Gruden, o autor fala já na introdução que o Feminismo evangélico busca não somente o exercício do homem como líder na casa e na igreja e que esta liderança precisa ser compartilhada.

Com o advento da Teologia Liberal que busca a ordenação de mulheres, a rejeição do homem como líder do lar e da igreja e a negação do masculino e do feminino. Neste quesito Deus onde chega-se a chamar de “nossa mãe no céu” para que desta forma a pressão cultural faça com que a igreja se molde aos padrões culturais atuais deixando de lado a autoridade bíblica. Sendo estas questionadas pelas feministas evangélicas que buscam contradizer os textos bíblicos que apresentam a liderança masculina do homem no lar e na igreja. Com isso, a instituição religiosa passa a se moldar aos padrões culturais, pois fica mais fácil adaptar-se a eles do que enfrentar a pressão cultural.

O autor também apresenta o fator no qual muitos se baseiam ao dizer que todas as religiões são caminhos diferentes para um mesmo Deus. Isso gera a acomodação eclesiástica frente ao feminismo ou ao liberalismo.

Quando isso acontece, pouco a pouco, passo a passo, faculdades e igrejas e denominações começam a escorregar em direção ao liberalismo. Isso acontece porque as afirmações e argumentos que os feministas evangélicos adotaram a respeito dessas passagens específicas da bíblia colocam em movimento um processo de interpretação da escritura que será usado cada vez mais para anular a autoridade da Escritura em outras áreas também. [...]. Esse é o trajeto clássico para o liberalismo. (GRUDEN.2009)

Muitas lideranças evangélicas podem não ter conhecimento do movimento feminista de forma parcial ou total, e, com isso, podem estar agindo em contradição aos seus preceitos. Qual a percepção destas lideranças em relação ao movimento? Será que as lideranças vêm este lugar da mulher como manifestação feminista dentro de suas denominações evangélicas ou apenas veem esta presença como uma modernização do movimento evangélico?

Para o Pastor Rodrigo Mocellin da Igreja Presbiteriana apresenta um posicionamento sobre o Feminismo e o Pastorado Feminino em seus vídeos no *Youtube* e Lives no Instagram. Onde ele apresenta que o Pastorado Feminino tende ao liberalismo pois, o liberalismo acredita que a Bíblia contém erros e somente desta forma é possível admitir a presença do pastorado feminino dentro das igrejas. Em seus vídeos o pastor apresenta que até 1850 não existia no mundo uma única pastora e somente com o surgimento do feminismo fora “possível” este feito.

Stroher diz que se faz alguns questionamentos sobre a ordenação feminina, “Qual a motivação para a ordenação para as mulheres?” “Faz sentido a ordenação nesta estrutura patriarcal?”. Ao se pensar a primeira questão apresentada podemos partir de um pressuposto que Biblicamente nenhuma mulher ocupou o cargo de líder religiosa. Quando na Bíblia no livro de Timóteo é apresentado os requisitos para uma liderança religiosa apresenta-se primeiramente que este precisa ser marido de uma só mulher, levando já a se identificar que o cargo de liderança é exclusivamente masculino.

Agora se pensarmos a estrutura patriarcal que ainda vivemos embora o feminismo tenha tido algumas conquistas durante sua caminhada, podemos pensar que querer a autoridade pastoral é algo bem complicado e ousado.

Tendo como por exemplo a Igreja Assembleia de Deus no seu documento de crenças diz o seguinte em sua Declaração de Fé: “ Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm. 3.14-17) ” se um documento da instituição já instrui seus adeptos a crer na Bíblia de forma inquestionável, como poderia a mesma denominação permitir o Pastorado Feminino se contraria suas normas.

Em uma outra ramificação da Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira, o pastorado feminino é aprovado e tendo a primeira ordenação pastoral de uma mulher acontecendo em 2005 onde a então cantora e atualmente pastora gospel Cassiane que fora consagrada para o cargo de pastora juntamente com seu esposo Jairo Manhães, no *podcast* Positivamente apresentado por Karina Bacchi a cantora e pastora Cassiane relata o momento da sua ordenação pastoral.

“Quando ele foi chamado para uma convenção geral que teve aqui em São Paulo convenção nacional em Paulina/SP, eu fui como esposa, mas eu já era cantora. Quando ele foi chamado para ser consagrado ao pastorado (...) A mulher, eu sou assembleiana, o cargo da mulher na Assembleia de Deus no Brasil nunca foi pastora (...) quando o Bispo colocou a mão na cabeça dele ele fez assim: onde está Cassiane? eu já era missionária, (...) eu achei que ele queria que a esposa estivesse do lado, ajoelhei do lado do Jairinho (...) ele coloca a mão na cabeça do Jairinho e falou assim: a ti consagro Pastor, ministro do evangelho e a ti e pôs a mão na minha cabeça (quando ele pôs a mão na minha cabeça eu pensei ele esqueceu que já sou missionária, que é o cargo atribuído as mulheres) a ti consagro Pastora (pensei como assim) então ele falou uma frase: a unção foi derramada não se pode revogar! No dia anterior tinha tido uma reunião e uma votação um dia antes sobre consagra mulher ou não e o resultado tinha sido não, e o bispo mudou tudo no dia seguinte. ” (POSITIVAMENTE, CASSIANE. Min. 34:15-37:17)

Esta colocação da Pastora Cassiane, nos apresenta pontos interessantes uma quebra de paradigma na Assembleia de Deus Ministério Madureira onde o que sido decidido, fora deixado de lado. Mas conversa também com Aragão Filho que nos apresenta que várias esposas de pastor são consagradas juntamente com seus esposos, fica a pergunta, se a mesma denominação de Cassiane consagraria uma mulher solteira para o pastorado, ou se somente a mulher seria consagrada a esta posição mesmo que seu esposo não fosse consagrado para este ministério. Podemos citar aqui algumas pastoras que foram consagradas, mas, na sua grande maioria, juntamente com seu esposo, ou como uma provável resposta midiática para a igreja:

- Pastora Sarah Sheeva, da Igreja Comunhão Cristã Resgate⁴⁰;
- Pastora Elizete Malafaia esposa do pastor Silas Malafaia - Assembleia de Deus Vitória em Cristo;
- Bispa Sônia Hernandez, ministra de confissão religiosa brasileira, líder e fundadora da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, na qual exerce a função de bispa e é esposa do apóstolo Estevam Hernandez;
- Bispa Keila Campos Costa Ferreira e Samuel Ferreira. Este casal atualmente preside a Assembleia de Deus do Brás (AD Brás) Ministério Madureira;
- Pastora Wanessa Alves, casada há 23 anos com o apóstolo Wesley Alves. O casal é líder e fundador da AD Londres;
- Cantora gospel e pastora Cassiane, que figura entre as mulheres que mais se destacam no universo evangélico, juntamente com o seu esposo, Pastor Jairo Manhães, da ADAAlpha Church, uma das igrejas mais luxuosas de São Paulo, com sede em Alphaville. Cassiane também foi a 1ª pastora da Igreja Assembleia de Deus – Madureira, sendo consagrada em 2005;
- Cantora gospel e pastora Fernanda Brum, uma das cantoras gospel e pastoras mais conhecidas do país, casada com o produtor musical e pastor Emersom Pinheiro. O casal é fundador e líder da Igreja Profetizando às Nações (IPAN), e foi consagrado ao pastorado em 2003, na Igreja Batista Ebenézer;
- Bispa Ingrid Duque Bispa, esposa do apóstolo Agenor Duque, líder e fundadora da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), junto com o religioso,
- A cantora gospel e pastora Ana Paula Valadão não poderia ficar de fora dessa lista. A artista é uma das mulheres mais conhecidas do mundo gospel e possui um currículo invejável. Ana Paula é compositora, arranjadora de música cristã contemporânea, escritora, pastora e apresentadora. Além disso, é líder e fundadora do Ministério de Louvor Diante do Trono, uma das mais conhecidas e renomadas bandas de música cristã contemporânea do Brasil e do mundo.

⁴⁰ Fonte: <https://www.sarahsheeva.com.br/biografia/>

Através do Ministério Diante do Trono e da Igreja Batista da Lagoinha, a artista promove diversas ações sociais, humanitárias e missionárias, como o Projeto Índia, que combate o tráfico humano, a Missão DT, além de outros projetos pontuais, promovidos durante algumas de suas gravações de álbuns ao vivo pelo Brasil e no Oriente Médio. (As informações sobre estas pastoras foram obtidas no site que será citado na nota de rodapé.)⁴¹

A questão que fica é porque nenhuma mulher que se tem conhecimento fora consagrada solteira em reuniões específicas para mulheres ou em outra data de oficialização sem que o marido seja ou não pastor. Poderia uma mulher ser consagrada pastor se seu esposo não tivesse esse cargo ou não estivesse ainda apto para exercer o mesmo sozinho, pois se observarmos até mesmo a pastora e Teóloga Odja Barros que defende uma teologia feminista, foi consagrada a pastora, mas seu esposo também é pastor.

Feminismo evangélico na ótica de Wayne Gruden⁴² e seus principais tópicos

Quando se começa a pesquisa sobre o feminismo evangélico, percebemos que muito pouco se fala sobre o assunto o melhor conceito que encontrei para o termo foi de que o feminismo cristão ou evangélico busca o acolhimento e o rompimento das relações entre os sexos que provocaria uma mudança na consciência das mulheres gerando assim novas formas de linguagem e simbologias tratando assim de uma nova experiência cristã. “ A visão feminista tece uma nova experiência cristã, influenciando na prática nas representações, e recriando a tradição cristã recebida; assim como a tradição cristã recebida influi na perspectiva feminista vivida como experiência cristã”(VIERO⁴³,2005).

⁴¹ <https://www.gazetanewsguarulhos.com.br/saiba-quem-sao-as-8-mulheres-mais-poderosas-do-meio-gospel/>

⁴² Autor utilizado por ser mencionado pelos principais críticos do feminismo evangélico no Brasil atualmente.

⁴³ Doutorou-se em Teologia Sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005). Mestrado em Teologia Sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharelado e Licenciatura em

Mas ao mesmo tempo nos surpreendemos com a quantidade de material que se apresenta se posicionando contra este movimento, este trabalho e em especial esta parte do mesmo focara em dois livros do autor⁴⁴ Wayne Grudem⁴⁵. Este autor trabalha o feminismo dentro do meio evangélico apresentando os principais tópicos do mesmo e seu posicionamento em relação a cada tópico. Aqui, portanto serão apresentadas as colocações deste autor em relação ao movimento, seu posicionamento não será questionado e muito menos tido como correto, apenas aqui estamos o colocando por ser atualmente seus livros a principal ferramenta utilizada por pastores e igrejas conservadoras para combater o feminismo evangélico.

Logo na introdução de seu livro Grudem apresenta alguns conceitos que se apresentam no feminismo evangélico e coloca como este movimento pode ter entrado no meio evangélico sem que tais lideranças percebessem o que estava acontecendo ou o que estava surgindo no meio da igreja. A primeira expressão utilizada pelo autor para iniciar o assunto é de “liberalismo teológico” que caminha junto com a teologia liberal que defende a ordenação de mulheres e nega a autoridade bíblica absoluta, este liberalismo acredita que o homem não deve ser o cabeça do casamento e da igreja mas acredita e difunde que esta autoridade deva ser compartilhada entre homens e mulheres com isso, reafirmam a possibilidade de haver ordenação feminina.

Visto que ensino há quase trinta anos nas faculdades cristãs e seminários, as pessoas com frequência me perguntam: “Como as faculdades cristãs que acreditavam na Bíblia, escolas conservadoras, tornaram-se tão liberais, negando até mesmo a Bíblia que é ensinada no *campus*? ” Outros me perguntam: “Como muitas denominações que acreditavam na Bíblia podem abandonar essa crença agora? Como os pastores liberais podem pregar o que é popular de acordo com a cultura atual em vez de proclamar a verdade da Bíblia como a Palavra de Deus? ” (GRUDEM,2009. p.16)

Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Professora no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, atua na área de Teologia Sistemática, principalmente com as disciplinas Antropologia Teológica, Cristologia e Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação. Coordena o curso de graduação em Teologia. Como religiosa da Congregação das Servas de Maria Reparadoras, atua em diversos âmbitos de formação teológica, espiritual e pastoral.

⁴⁴ Este autor foi escolhido como autor principal por apresentar argumentos que mais se enquadram dentro das normativas que as denominações evangélicas apresentam aqui no Brasil, sobre o assunto.

⁴⁵ Wayne Grudem é Professor Pesquisador de Teologia e Estudos Bíblicos no Seminário Phoenix no Arizona. Ele é graduado em Harvard (BA), Westminster Seminary-Philadelphia (M.Div., D.D.) e na Universidade de Cambridge (PhD). Ele atuou como presidente da Sociedade Teológica Evangélica (1999), como membro do Comitê de Supervisão da Tradução para a Versão Padrão em Inglês da Bíblia, e foi o Editor Geral da *Bíblia de Estudo ESV* (2008). Ele escreveu mais de 20 livros, incluindo *Teologia Sistemática*, *O Dom da Profecia no Novo Testamento e Hoje*, *Negócios para a Glória de Deus*, *Política Segundo a Bíblia*, e (com Barry Asmus) *A Pobreza das Nações: Uma Solução Sustentável*. Ele também co-editou (com John Piper) *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*.

Dentro dessa ótica vemos que o autor apresenta um novo termo sobre o que pode estar acontecendo para que o início do feminismo dentro do movimento evangélico, a **Pressão Cultural** o autor diz que devido a esta pressão muitas igrejas ou instituições evangélicas pois para se conseguir “ganhar ou manter” seus membros muitas concessões estão sendo feitas, pois é mais fácil ceder à pressão da cultura atual do que se mostrar contrário ao que a sociedade cristã e não cristã está promovendo. Mas como estas denominações fazem para ignorar os escritos Bíblicos que falam sobre a ordenação pastoral exclusivamente masculina. É nessa hora que os feministas evangélicos desenvolvem argumentos que dizem que tais partes não se aplicam a nós era cultura da época.

O autor apresenta uma citação de um pensador cristão chamado Francis Schaeffer que escreveu em 1984 um livro chamado *The Great Evangelical Disaster*, onde ele incluiu uma seção denominada “A subversão Feminina” em um trecho da citação diz o seguinte:

Alguns líderes evangélicos, de fato, têm mudado suas formas de ver a inerrância como uma consequência direta de aprender a aceitar o feminismo. Não há outra palavra para isso se não acomodação. É uma inversão direta e deliberada da Bíblia para se conformar com o espírito mundano da nossa era até o ponto em que o espírito moderno entra em conflito com o que a Bíblia ensina. (SCHAEFFER, apud GRUDEM, 2009. p.18)

Este fragmento de texto apresenta algo que será discutido posteriormente onde Grudem diz que atualmente as denominações juntamente com suas lideranças se acomodaram abrindo espaço para as influências do feminismo. Com isso, a partir de agora vamos analisar os principais pontos do feminismo evangélico e o ponto de vista deste autor em relação aos mesmos.

A ordenação pastoral feminina e o liberalismo

O autor nos apresenta um “padrão” de instituições evangélicas que observam a teologia liberal como aceitável dentro deste meio, lembrando que esta teologia trabalha com a rejeição total ou parcial da Bíblia. Aqui o autor relata também que algumas das igrejas que no período de 1956-1976 ordenaram mulheres ao cargo pastoral, estas apresentam grande número de ordenação de homossexuais. Com

isso, podemos ver que uma abertura da igreja, enquanto instituição. O autor apresenta as características das igrejas liberais:

- 1- Deixar de crer na inerrância da Bíblia;
- 2- Aprovar a ordenação de mulheres;
- 3- Abandonar os ensinamentos da Bíblia sobre o homem como cabeça no casamento;
- 4- Excluir clérigos que se opõem à ordenação de mulheres;
- 5- Aprovar o comportamento homossexual como moralmente válido em alguns casos;
- 6- Aprovar a ordenação de homossexuais;
- 7- Ordenação de homossexuais para posições de alta liderança na denominação. (GRUDEM,2009. p.27)

Com isso vemos que o liberalismo caminha de forma conjunta com o feminismo e a consequência deste dentro do meio evangélico é a ordenação pastoral feminina e desta forma o meio evangélico está fazendo concessões que buscam danificar a autoridade bíblica.

Pontos de vista Feminista Evangélicos que buscam enfraquecer a Bíblia

Como já fora citado uma grande parte do feminismo busca enfraquecer ou subjugar a inerrância bíblica, fazendo que muitas pessoas venham a crer no que o movimento diz a respeito da mesma, na Parte II do livro de Grudem ele nos apresenta esses pontos de vista que começam com: a) a alegação de que Gênesis está errado, a contradição se inicia ao se questionar a escrita da Bíblia, revelando que o hebraico antigo era a expressão patriarcal da cultura da época, diziam que a liderança masculina só foi estabelecida por que Deus chamou a raça humana⁴⁶ em uma palavra equivalente a homem e não a uma palavra que equivalesse a pessoa ou mulher. O autor apresenta sua visão quanto a isso no seguinte trecho:

Dizer que essas *palavras da Bíblia* tem um “significado patriarcal” que Deus não idealizou, e de fato dizer que essas *palavras da Bíblia* não nos falam “nada sobre o ponto de vista de Deus sobre o gênero”, é simplesmente negar a autoridade dessa parte da escritura. Esse é um passo em direção ao liberalismo. (GRUDEM,2009. p.34)

⁴⁶Grudem cita Rebecca Groothuis ao apresentar essa argumentação negativa de Gênesis.

Uma outra argumentação é apresentada por Grudem para negar a veracidade de Gênesis, b) os elementos de liderança foram colocados na bíblia como mero adereço literário, ou seja, não apresentam a realidade vivida no Éden e estes dispositivos estariam lá por três motivos: “1) antecipar a Queda; 2) permitir aos leitores uma melhor compreensão da sociedade e cultura no tempo de Moisés e 3) antecipar uma sociedade agrária que viria a existir depois da queda” (GRUDEM,2009. P.34). O autor aponta que Webb não apresenta uma possível explicação para o patriarcado mas nega a existência da primogenitura de Genesis 2 e a sagacidade da serpente em Genesis 3, com isso Grudem aponta que Webb está negando toda a estrutura narrativa que mostra a criação do homem e posteriormente da mulher.

Em seu livro *Confrontando o Feminismo Evangélico*, Grudem apresenta as alegações do movimento com relação a Gênesis 1-3 e suas percepções sobre as alegações feministas. A primeira alegação do feminismo evangélico é de que se homens e mulheres foram criados iguais não deveria se existir papel de autoridade entre eles. Grudem apresenta que existe dois sentidos na palavra igual ou iguais para se analisar neste contexto, homens e mulheres são iguais para Deus no quesito pessoal e humano pois Adão e Eva eram a imagem de Deus na Terra e ambos possuíam características que os tornam humanos embora possuíssem diferentes habilidades e gostos como todo ser humano, mas no que se refere a igualdade quanto a autoridade o autor nos diz:” Um erro igualitarista básico é sempre distorcer as distinções e assumir que para serem iguais a imagem de Deus as pessoas tem que ser iguais (ou idênticas) em autoridade.” (GRUDEM,2009. p.59), outro ponto que o autor apresenta é que os relacionamentos humanos envolvem valores, porém também envolve diferença de papéis e autoridade.

A segunda alegação do feminismo evangélico é em relação ao governo masculino relatado em Gênesis, que para o movimento se originou após a queda vejamos as citações apresentadas pelo autor com relação a este tema:

Essa é a alegação fundamental de todo escritor igualitarista que conheço. Gilberto Bilezikian escreve o seguinte sobre Adão e Eva: Em vez de satisfazer o desejo dela e de proporcionar um ambiente familiar de sustento e cuidados recíprocos, ele a governará [...] A indicação mais evidente dessa declaração (Gen. 3-16), conferindo o governo de Adão em consequência da Queda, é que, antes da Queda, ele não era governador de Eva. E Rebecca Groothuis diz: Na verdade, não há menção de governo de nenhum cônjuge sobre o outro – até que eles caíram em pecado, quando Deus diz a mulher “ele te governará” (3-16). Deus declara isso não como uma ordem, mas como consequência do pecado deles. (GRUDEM,2009. p.61)

Grudem apresenta dez argumentos para o governo masculino antes da queda sendo eles: a ordem, a representação, a nomeação da mulher, a nomeação da raça humana, a responsabilidade primária, o propósito, o conflito, a restauração, o ministério e o paralelismo com a trindade. E apresenta como segunda resposta para esta questão de que o governo masculino opressivo iniciou sim após a Queda, mas que a autoridade e governo masculino no casamento já existiam antes da Queda.

Outro ponto controverso que o feminismo evangélico apresenta é a questão do Ser auxiliadora eles alegam que ser auxiliadora significa ser igual. Primeiramente no hebraico essa palavra também é usada para se referir a Deus, portanto ser auxiliadora é uma grande honra e o autor concorda de que a palavra auxiliador é usada com frequência para se referir a Deus no AT como apresentado em Salmos 121-2: “ O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra” em sequência ele apresenta que a palavra auxiliador não possui conotação hierárquica pois quem auxilia ou socorre pode ser de uma hierarquia maior ou menor que o auxiliado. No entanto enquanto a palavra auxiliadora citada em Gênesis 2-18 que nos diz: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. ” Aqui o autor apresenta que a mulher que seria companheira para Adão seria uma auxiliadora idônea, ou seja, esta mulher seria benéfica para o homem e com isso, a mulher seria uma auxiliadora apropriada para o homem não como alguém inferior ao homem mas que complementaria o homem naquilo que lhe faltasse.

Outras alegações do movimento feminista evangélico para o Antigo Testamento e Novo Testamento

O movimento feminista evangélico questiona a não ordenação pastoral feminina e apresenta algumas mulheres como exemplo de liderança tanto no AT quanto no NT, vejamos agora as colocações de Grudem a respeito disto em seu livro.

1) Débora: a alegação feminista é de que Debora possuía liderança em Israel, e com isso Deus poderia “autorizar a liderança feminina” vamos conhecer Debora e suas funções antes de ver a colocação do autor sobre a alegação do feminismo.

Debora: quarta e única juíza mulher de Israel, habilidade como mediadora, conselheira e consultora; quando chamada para liderar, dispôs-se a planejar dirigir e delegar; conhecida como profetisa; compositora de hinos; local: Canaã; ocupação: Profetisa e juíza; Familiares: Lapidote (esposo); Contemporâneos: Baraque, Jael, Sísera e Jabim, rei de Hazor. (BIBLIA DE ESTUDO E APLICAÇÃO PESSOAL ,1995. p.323)

Grudem apresenta alguns pontos sobre Debora ele começa dizendo que devemos ser gratos a ela por transmitir a palavra de Deus ao povo de Israel nos locais de guerra, demonstrando sua forte fé ao incentivar a Baraque dizendo que o Senhor estaria com ele como vimos em Juízes 4-14. Porém em sua segunda resposta a este tema o autor nos coloca que “Débora confirmou a liderança masculina sobre o povo de Deus” pois ela não convocou o povo para guerrear e nem selecionou os que pertenceriam ao exército, no entanto, ela incentivou Baraque a fazer isso sendo que poderia ter reivindicado a liderança para si e não o fez. Porém quando Baraque insiste em Juízes 4-8 que ela lhe acompanhe na batalha ela disse:

“ Certamente irei contigo, porém não será tua a hora da investida que empreendes; pois as mãos de uma mulher o Senhor entregará a Sísera” (Jz. 4-9) isto demonstrava a fraqueza na fé de Baraque em Deus “e que deveria ter agido como homem e assumido a liderança sozinho” (GRUDEM,2009. p.71)

Em uma análise profunda do texto bíblico de Juízes 4, o autor nos diz que Debora não governava o povo de Deus e nem os liderava militarmente e seus ensinamentos não eram feitos em público. Outro ponto apresentado pelo autor é que o fato de Debora estar exercendo a função de juíza em Israel representava uma reprovação de Deus para com a falta de liderança masculina, o que não valida a liderança de mulheres se os homens forem passivos ou sem atitude em igrejas, mas as mulheres podem sim estar ao lado deles para auxiliar em seus ministérios.

2- As profetizas: a alegação do feminismo vem de que Miriã, Débora e Hulda seriam precedentes para o papel de liderança feminina nas igrejas hoje. Contudo Wayne Grudem começa a responder essa alegação da seguinte forma: “Conquanto existissem profetisas no Antigo Testamento, nenhuma mulher ensinava o povo de Deus porque não existiam sacerdotisas. ” O autor nos coloca que o ofício de profeta e de sacerdócio são extremamente diferentes e que com isso sim, as mulheres do antigo testamento poderiam profetizar, porém não eram sacerdotisas pois este era um

cargo exclusivamente masculino. Mas qual seria essa diferenciação de funções? A função de Sacerdote implicava em ensinar ao povo de Israel a lei de Deus, a função dos profetas era de transmitir a mensagem de Deus, com isso, as profetizas transmitiam essa mensagem em particular somente para outras mulheres, Miriã profetizou as mulheres de Israel, Debora em particular profetizou a Baraque assim como Hulda que profetizou privativamente aos mensageiros enviados pelo rei Josias.

Alegações baseadas no Novo Testamento: ou autor começa pontuando que Jesus surpreendeu ao tratar as mulheres com honra e dignidade no NT e diz que Cristo escolheu que as mulheres fossem as primeiras testemunhas de sua ressurreição.

Será que o exemplo e os ensinamentos de Jesus não nos mostram que ele estava subvertendo o preconceito patriarcal conta as mulheres, encontrado no Antigo Testamento e no judaísmo de seus dias? Será que o seu exemplo não nos mostra que deveríamos permitir a mulheres e homens igual acesso a todas as posições de liderança na igreja? E quanto à Igreja primitiva? Muitos sugerem que Jesus só escolheu homens para apóstolos, não por ser o ideal, mas porque era a única coisa aceitável em seus dias. Além disso, não há exemplos de mulheres líderes, com Priscila, no livro de Atos? (GRUDEM,2009. P.75)

c) Alegação: Jesus minou a natureza patriarcal do judaísmo do primeiro século ao tratar positivamente as mulheres – o fato de Jesus ter tratado bem as mulheres de seu tempo é usado como um precedente para abrir posições ministeriais a todos, o que Jesus fez foi demonstrar que os abusos da liderança masculina na época não eram aceitáveis por ele, enquanto ele tratava as mulheres com o mesmo respeito que os homens. Porém com isso, Jesus não colocou a liderança masculina abaixo visto que somente homens são convocados para governar e ensinar o povo ele abalou os aspectos errados e abusivos da época, mas não desfez o padrão instituído por Deus.

d) Alegação: “As mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição (Mt 28:1-10), o que demonstra fidedignidade e a adequação delas como mensageiras do Senhor. Por isso, podem ser pastoras, com certeza.” - Realmente as mulheres foram as primeiras a testemunhar a ressurreição de Cristo e afirmar sua fidelidade e adequação ao evangelho mostra ainda mais que elas eram feitas a imagem de Deus, embora o judaísmo do primeiro século não confiasse nas mulheres como testemunhas

em alguns casos legais. No entanto Deus havia decidido antecipadamente que as mulheres seriam as primeiras testemunhas do principal evento da História. Porém ser testemunha ocular não transforma estas mulheres em presbíteras da igreja ou mestres, esse texto nos instrui que devemos seguir o exemplo das mulheres sim, que testemunharam e foram aos discípulos contar o que haviam visto, e não saíram ensinando sobre o acontecimento e vemos também que os discípulos não tornaram as mulheres que viram este evento como líderes daqueles dias.

e) Alegação: Jesus ensinou a liderança de servo e isso é inconsistente como o modelo de liderança masculina de uso de poder sobre os outros – “Jesus veio para servir, sim, e para dar sua vida por nós, mas era simultaneamente Senhor! ” (GRUDEM,2009. p.80), com isso, o autor nos diz que os presbíteros deveriam usar de autoridade com um coração de servo e isto não anularia a autoridade constituída a eles.

f) Alegação: O fato de Jesus ter designado somente homens para o apostolado foi uma simples concessão à cultura de seus dias; não é normativo para nós hoje. – O autor começa dizendo que: “Jesus nunca fez concessões à cultura de seu tempo quanto ao que é moralmente certo ou errado” (GRUDEM,2009. p.82), Cristo ao nomear 12 apóstolos estava reconfigurando a liderança do povo de Deus, que antes era feita pelos 12 líderes das tribos de Israel. Se Jesus quisesse aqui ele poderia ter feito essa liderança com homens e mulheres, mas ele não o fez.

Podemos ver algumas ações de Cristo que iam contra a cultura da época: criticou fariseus, curou no sábado, purificou o templo, falou com a mulher samaritana, comeu com cobradores de impostos e pecadores, comeu sem lavar as mãos. O ponto que Jesus não sedia a pressão cultural é quando estas tinham a ver com as questões de ordem moral, e por isso, “Não, não foi o costume social nem a pressão cultural que fizeram Jesus designar um grupo de apóstolos sendo todos eles homens. ” (BORLAND, apud GRUDEM, 2009. p.83). Se Cristo fosse olhar para a pressão cultural Mateus não seria chamado pois era cobrador de impostos e isso causaria antipatia ao povo. A masculinidade dos apóstolos estabeleceu um padrão permanente para a liderança masculina na igreja o que não significa esta liderança possuía uma recompensa e para obter a mesma existia uma condição para os apóstolos seguirem: “Em verdade vos digo que vós, *os que me seguiste*, quando, na regeneração do Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze

tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt.19:28) grifo meu. E partindo disso a condição para conseguir estar ao lado de Cristo no trono é ***seguir a Cristo***.

Em relação a judeidade dos apóstolos este era um padrão temporário pois Cristo havia vindo primeiro para os Judeus e depois para os Gentios ao analisar o livro de atos o autor apresenta uma tabela para mostrar a progressão da história. E o modelo apresentado abaixo seguiu por toda a história do NT.

Tabela 1

	Membros do Povo de Deus	Liderança Oficial sobre o povo de Deus
No começo de Atos	Só judeus	Homens judeus
Mais tarde em Atos e nas Epistolas	Judeus e gentios	Homens judeus e gentios

g) Alegações: 1) Assim como Priscila e Áquila “expuseram” a Apolo “ com mais exatidão [...] o caminho de Deus” (At. 18:26), as mulheres podem ensinar os homens na igreja. 2) Como o nome de Priscila vem antes do de Áquila, especialmente quando estão em situações ministeriais, isso indica que ela era a líder da equipe ministerial deles. Antes de apresentar as colocações de Wayne Grudem queremos consultar primeiro o texto bíblico e depois colocaremos a perspectiva do autor dentro dessas duas alegações.

Nesse meio tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João. Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus. Querendo ele percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos e escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido porque, com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus. (A BIBLIA DA MULHER, 2014. p.1508 - Atos 18:24-28)

Para elucidar essa primeira alegação do movimento feminista evangélico, Grudem apresenta três respostas para a mesma onde ele começa dizendo que não há erro em mulheres e homens conversarem com outros a respeito da doutrina cristã desde que sejam em discussões particulares ou em pequenos grupos de estudo bíblico.

Afirmar que os ensinamentos em particular diferem do ensinamento em público é uma falta de compreensão de texto e contexto se observarmos outras versões para este versículo principal em questão (v.26) “Ele começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando o ouviram Priscila e Áquila, o *levaram* consigo e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus”⁴⁷ em uma versão com NTLH⁴⁸(Nova tradução linguagem de hoje) encontramos o mesmo versículo escrito da seguinte forma: “ ele começou a falar com coragem na sinagoga. Priscila e seu marido Áquila o ouviram falar, então o levaram para a casa deles e lhe explicaram melhor o caminho de Deus”. E como vemos em Grudem ele apresenta que o entendimento do texto foi levado para uma argumentação errônea. Outra resposta que o autor nos apresenta é que “Priscila não autoriza mulheres a ensinarem a Bíblia em igreja congregada” (GRUDEM,2009. p.86), visto que Paulo designa que os homens devem possuir atividades de governo e ensino quando Priscila e Áquila instruem em particular Apolo não existe aqui uma contradição do ensinamento do apóstolo.

Com relação ao nome de Priscila aparecer primeiro do que o do esposo em algumas citações bíblicas vemos alguns pontos iniciais de que o casal fora citado seis⁴⁹ vezes na Bíblia e em três vezes o nome de Priscila aparecia primeiro, Grudem nos diz que é difícil saber se a ordem dos nomes significava algo, e apresenta o que Cranfield diz:

o nome de Priscila é colocado com mais frequência em primeiro lugar muito provavelmente “em razão de ter sido ela convertida antes dele (e tenha levado o marido à fé em Cristo) ou por ter tido um papel ainda mais notável na vida e no trabalho da igreja do que Áquila” e “não por ter sido socialmente superior a ele”. A verdade é que ninguém tem muita certeza do que fazer com a ordem dos nomes. (CRANFIELD, apud GRUDEM,2009. P.87)

Outro aspecto a se considerar é de que a igreja de Áquila e Priscila era em sua própria casa como Paulo cita em 1 Coríntios 16:19 “... a igreja que está na casa deles”.

⁴⁷ Bíblia de Estudo de Aplicação Pessoal, 2004

⁴⁸ Bíblia The Way – O Caminho, 2016

⁴⁹ Informação extraída da Bíblia da Mulher

h) Alegações com relação ao casamento – 1) Gálatas 3:28 – “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vos sois um em Cristo Jesus” – ensina que o Reino de Deus há plena igualdade de gênero. 2). Os escritores do Novo Testamento instam maridos e mulheres à submissão mútua (Ef.5:21). Não há, portanto, papel de governo exclusivo do marido. 3) Em Efésios 5:23, a palavra kephalé (cabeça) não significa “pessoa em autoridade” mas “fonte”, como em “fonte de um rio” – para iniciar a responder a primeira alegação sobre o casamento o autor nos apresenta o que está sendo dito em Gálatas 3:28 este texto ensina segundo Grudem sobre a unidade da igreja, ou seja, sobre o povo que faz parte da mesma fé e comunhão em Cristo pois nessa época haviam muitos que se vangloriavam por não serem gregos, fariseus e isto não agradava a Deus então Paulo explica no capítulo 3:21-28 o objetivo da lei na vida do povo da Galácia e que os mesmos deveriam estar unidos em um único propósito.

Portanto, Gálatas 3:28 diz simplesmente que temos um tipo especial de unidade no corpo de Cristo. As nossas diferenças como homem e mulher não são anuladas pela unidade, mas ela é agradável aos olhos de Deus, particularmente por ser uma unidade composta com diferentes tipos de pessoas. (GRUDEM,2009. p.91)

Outra colocação de Grudem para esta alegação é que se Gálatas anulasse todas as diferenças entre homens e mulheres como condenar o casamento homossexual? Visto que a conduta homossexual é proibida pela escritura? “... e os nossos amigos igualitaristas do mundo evangélico são da mesma opinião. Portanto, Gálatas 3:28 não anula os diferentes papéis de homens e mulheres. ” (GRUDEM,2009. p.91) em uma última resposta a esta alegação o autor diz: “ Há implicações sociais em Gálatas 3:28, mas outros textos do Novo Testamento explicam quais são, e quais não são elas. ” (GRUDEM,2009. p.92)

Para a segunda alegação sobre o casamento o autor começa da seguinte forma: “ Se alguém por “submissão mútua” quer dizer que marido e mulher devem amar um ao outro e levar em consideração as necessidades um do outro, isso é com certeza uma ideia bíblica, mas não é o que esse versículo ensina. A Bíblia em Efésios

5:21 que esta unidade proposta no versículo só é alcançada mediante o temor⁵⁰ a Deus. Em sequência o autor nos apresenta outra resposta para esta alegação o que Paulo queria dizer com “sujeitando-vos uns aos outros” o apóstolo explica que a submissão deve ser da mulher para o marido, dos filhos aos pais e dos escravos aos seus senhores, ele não diz para os maridos sujeitarem-se as esposas e nem aos filhos pois isto anularia a autoridade colocada por Deus sobre os homens, a esposa está sujeita a autoridade de seu próprio esposo, ou seja, a mulher deve sujeitar-se ao seu marido e não ao marido de sua colega de trabalho por exemplo e ainda na sequência do texto bíblico vemos as instruções de Paulo de como o marido deve amar sua esposa.

Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja porque somos membros do seu corpo.
Efésios 5:26-30

Outra colocação para esta alegação é que a submissão mutua é uma inovação na história da igreja que durante muito tempo ensinou-se que Efésios 5:21 se referia a submeter-se a autoridade de maridos, pais e patrões com o passar do tempo e as pressões feministas que buscam uma forma de contornar a observação de efésios 5:22 passa-se a ensinar erroneamente que este versículo trata de submissão mutua “ porém, não se encontrou nenhum autor anterior ao advento do feminismo, na última metade do século 20 que pensasse que “sujeitando-vos uns aos outros” anulasse a autoridade do marido no casamento” (GRUDEM,2009. p.95). O autor apresenta ainda mais alguns argumentos para esta alegação – jamais se diz que os maridos devem estar submissos as esposas – a posição igualitarista depende de que se atribua a um termo grego um sentido que ele jamais mostrou ter – o termo traduzido “uns aos outros” significa quase sempre “alguns aos outros”, sentido que tem de ter aqui, e não “ todos a todos” – Colossenses 3:18, Tito 2:5, e 1 Pedro 3:1 não permitem o sentido igualitarista de “submissão mútua”.

⁵⁰ Temor: significado Bíblico: reverencia, respeito, obediência – fonte:
<https://www.significados.com.br/temor/#:~:text=O%20temor%20a%20Deus%20%C3%A9,o%20nosso%20Deus%20%C3%A9%20fogo> acesso em 30/07/22

Para a terceira alegação vemos as seguintes colocações de Grudem: os significados de uma palavra podem ser descobertos analisando diferentes contextos a palavra grega kephalé (cabeça) é apresentada várias vezes com o sentido de pessoas com autoridade sobre outras o autor mesmo relata que pesquisou em 1985 mais de dois mil exemplos da palavra grega para cabeça e descobriu que a palavra aplicava-se a pessoas em posição de autoridade, não era aplicada quando se referia a alguém sem autoridade de governo entre outros, com isso, o autor quer demonstrar que esta mesma palavra em mais de 50 contextos nunca foi usado como significando “fonte sem autoridade”.

O autor apresenta mais explicações para esta alegação do feminismo evangélico⁵¹ – versículos que se referem a Cristo como o “cabeça” não podem ser usados corretamente para negar a ideia de autoridade – uma lista de alguns textos antigos em que uma pessoa é “cabeça” de outra clarifica o sentido de “ pessoa com autoridade sobre outra” – o significado de “fonte’ não faz sentido nas passagens-chave como Efésios 5:23: “o marido é o cabeça da mulher” – todos os léxicos (dicionários) de reconhecido valor do grego antigo, ou os seus organizadores, dão hoje a kephalé o sentido de “pessoa com autoridade sobre”, ou algo parecido, mas nenhum deles apresenta a acepção de “fonte”. E então o autor finaliza fazendo uma pergunta aos igualitaristas: “ Por que deveríamos atribuir a kephalé no Novo testamento um significado sem confirmação em lugar algum, e que nenhum léxico grego o apresenta, quando aplicado a pessoas? O termo “cabeça” em “ o homem é o cabeça da mulher” significa “pessoa com autoridade sobre”.

Alegações feministas evangélicas sobre a igreja, nas epístolas do Novo Testamento

Nesta sessão do livro de Grudem encontramos algumas exemplificações em relações a mulheres no Novo Testamento que seriam exemplo de “liderança” para o movimento feminista evangélico.

⁵¹ Colocações apresentadas na página 100 do livro Confrontando o feminismo Evangélico.

Febe – encontramos o seguinte texto em Romanos 16:2 (texto que o próprio movimento usa para dizer que Febe era líder de muitas pessoas inclusive de Paulo.) “Para que recebais no Senhor, como convém aos Santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar, porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo. (v.2)”⁵² “Recebam essa irmã em nome do Senhor, como deve fazer o povo de Deus. Deem a ela toda a ajuda que precisar pois ela tem ajudado muita gente e a mim também.”(v.2)⁵³. O autor atenta para observarmos a interpretação de um texto sem ser de forma vernácula⁵⁴ pois o movimento alega que a palavra grega *prostatis* significaria “estar à frente” que segundo eles faria de Febe líder sobre até mesmo Paulo, portanto Grudem apresenta que esta palavra não tem essa conotação em nenhuma tradução conhecida, o autor ainda nos diz que os léxicos gregos recentes como mais prováveis significados de “protetora” e “auxiliadora” em seguida como sua terceira resposta para essa alegação Grudem diz o seguinte: “ O argumento que Spencer elaborou é um “ilusionismo” léxico porque o nome *prostatis*⁵⁵, mas o verbo relacionado *prostémi*, e as palavras não importam todos os significados de todas as outras palavras relacionadas a elas. Contando pode-se dizer que a interpretação feita pelo movimento feminista deste versículo bíblico está descontextualizada e com isso não pode ser considerado uma regra para a autorização pastoral feminina.

Júlias – Existiu até mesmo uma apostola, Júlias (Rm.16:7). Se mulher pode ser apostola, pode também assumir qualquer ofício eclesiástico. O autor começa dizendo que existe uma discussão sobre o nome se o mesmo seria nome feminino ou masculino, mas que o mesmo se acredita que era um nome que poderia ser usado para ambos os sexos. Porém a diferença se o nome era de homem ou de mulher é irrelevante ao lermos a sequência do texto que diz: “bem conhecidos entre os apóstolos” e com isso os estudos posteriores a 2001 apresentam que o versículo se entende assim: “Saudai a Andrônico e Júnia [ou Júlias], meus parentes e companheiros de prisão. Eles são bem conhecido entre os apóstolos [ou mensageiros] e estavam em cristo antes de mim. ” (GRUDEM,2009. p.108) A Bíblia de Estudo

⁵² Bíblia de Estudo Aplicação pessoal.2004

⁵³Bíblia The Way – O Caminho, 2016

⁵⁴ Vernáculo: Particular ou característico de um país, uma nação, de uma região

⁵⁵ Prostatis: padroeira, protetora Palavra Original: προστάτις, ἰδοῦς, ἡ Parte do Discurso: Substantivo, Feminino Transliteração: prostatis Ortografia Fonética: (pros-tat'-is) Definição: patrona, protetora Uso: guardiã, protetora, patrona. *Origem da palavra* fem. de uma derivação de proistémi

Pentecostal apresenta a seguinte nota de rodapé com relação a este versículo: “16.7 OS QUAIS SE DISTINGUIRAM: Andrônico e Júnias são chamados de apóstolos. Aqui, a palavra “apóstolo” é usada no sentido geral, para referir-se a um mensageiro itinerante e não no sentido especial de “apóstolo”” (BÍBLIA,2016. p.1727). Esta nota nos faz crer que o trabalho de Andrônico e Júnias era levar a palavra de Cristo, sem titulação oficial, mas por amor que possuíam pela causa do evangelho.

Mulheres podiam profetizar e com isso, também poderiam ensinar a palavra de Deus como pastoras ou presbíteras – Profetizar e ensinar são tarefas distintas ou seja, o autor apresenta que quem pensa que profetizar é o mesmo que pregar ou ensinar não entende o que a Bíblia apresenta visto que a mesma diferencia essas funções em Romanos 12:6-7, 1 Coríntios 12:28-29 e em Efésios 4:11 que diz: “ E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”. No NT profetizar significa transmitir uma mensagem de Deus para alguém e ensinar significa transmitir o conhecimento da escritura Bíblica ou dos ensinamentos dos apóstolos.

Nos capítulos seguintes o autor apresenta outras alegações que fazem com que o movimento evangélico feminista acredite que a ordenação feminina está de certa forma ancorada na palavra de Deus. Ele apresentará que elas discutem a obediência à 1 Coríntios 14:34, apresentam novamente duas possíveis mulheres como exemplos de liderança sendo elas Evódia e Sintique, questionam a autoria do livro de Hebreus, apresentam que a mulher podia exercer o cargo de diácono⁵⁶. Discutem sobre 1 Timóteo 2, buscam novas formas de interpretar a Bíblia, apresentam a teologia da Imparcialidade e Justiça e a alegação feminista evangélica colhidas da história e da experiência e finaliza o livro apresentando um último capítulo com o título Uma visão Bíblica da masculinidade e da feminilidade para o futuro. Em todos estes tópicos a cima mencionado o autor faz a apresentação do que o movimento feminista evangélico fala bem como coloca sua percepção.

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos este trabalho buscamos conhecer e elucidar mais sobre o movimento feminista em si e suas ramificações e, a partir destas, conhecer mais sobre

⁵⁶ Em muitas igrejas hoje o único cargo que mulher pode exercer é o de Diaconisa, que se refere ao cuidado de mulheres com outras, mulheres e no cuidado com o templo além de exercer o serviço social.

o movimento feminista evangélico para entender suas pautas e analisar se estas estão de acordo como o próprio movimento em si. Ao buscarmos a resposta se o movimento Feminismo evangélico existe não podemos afirmar que o mesmo exista ou não. O que podemos cogitar é que este movimento esteja se formando de uma forma estratégica dentro de um meio que não se imaginava poder o mesmo existir. Acreditamos de uma certa forma que o movimento feminista não cabe dentro do pentecostalismo e com isso seria uma incoerência que os mesmos existissem no mesmo local.

Com isso, pudemos perceber que o movimento feminista evangélico tem muito em comum com qualquer outro movimento, mas suas lutas e pautas nem sempre estão de acordo com as normativas do próprio meio protestante. E ao analisarmos o movimento protestante observamos que a terceira onda do protestantismo ou neopentecostalismo é a que mais se adaptou ao movimento feminista, abrindo caminho para a ordenação pastoral de mulheres e também apresentando até mesmo lutas e frentes políticas pelo aborto e outras demandas que contrariam os preceitos bíblicos difundidos por estas e até mesmo as normativas de suas denominações.

Com estes exemplos vemos que muitas igrejas têm se voltado para a adaptação de suas normas ou deixado de lado aquilo que outras igrejas afirmam que a Bíblia diz sobre o ministério pastoral, entre outros pontos que foram citados ao longo deste trabalho. Dentro do que se pode verificar que é professo no meio evangélico, o feminismo não caberia dentro do mesmo sem deixar de lado as orientações bíblicas ou sem revisar seus termos de declaração de fé e estatutos.

Sendo assim, ao gerar estas indagações percebemos que o conhecimento aqui impactado possa surpreender muitos que lerem este e que, assim como ocorreu comigo, que até então possuía pouco ou quase nenhum conhecimento sobre o movimento feminista evangélico, ou mesmo acerca do feminismo e do protestantismo busquem cada vez mais ler e se aperfeiçoar neste tema colaborando para que o mesmo seja cada vez mais estudado e discutido por nós.

Que novos textos possam surgir no cenário acadêmico pesquisando temáticas próximas a esta, que gerem cada vez mais conhecimento e aprendizado para todos os que tem sede deste saber científico. E que embora os conhecimentos teológicos ou movimentos protestantes sejam vistos como dogmáticos, que estes

temas não fiquem somente nas mãos de quem conhece o movimento evangélico por estar dentro dele que todos os dias as indagações sobre a opinião ou o posicionamento dos que pertencem a este movimento gerem questionamento e pesquisa para que não fiquem somente nas mãos dos mesmos, mas que cada vez mais pessoas de fora deste meio estudem e falem desta realidade que é grandiosa em nosso país.

Amém!

REFERÊNCIAS

A Bíblia da Mulher: leitura, devocional e estudo. 2. ed. Barueri, Sp: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. 1920 p.

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal** [manuscrito] / Iran Lima Aragão Filho. – 2011.85 f.: il. colors.

BANDINI, Claudirene. **Ministério feminino na igreja do evangelho quadrangular: Autonomia além do espaço religioso** Notas de uma pesquisa

BARCELLOS, Luiza da Costa Peixoto. **TCC - Irmãs de fé: Um breve estudo sobre redes de feministas evangélicas.** Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 2 v.

BÍBLIA de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: Cpad, 2003. 2012 p.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Cpad, 1995. 2015 p. (2013). Tradução: Gordon Chown, M.Div.

BÍBLIA King James 1611. 2. ed. Niterói- Rj: Bvbooks, 2015. 728 p.

BÍBLIA Pastoral. Brasília: Paulus, 2014. 1543 p.

BÍBLIA The Way: O Caminho. Rio de Janeiro: Cpad, 2016. 1727 p.

BORDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2007. 158 p.

BRUM, Daniela Moraes. **Feminismo Pra Quem?** Bauru; Sp: Astral, 2020. 160 p.
CARVALHO, Maristela Moreira da. **Relações de Gênero e o repensar teológico tradicional: uma proposta da teologia feminista.**

COSTA, Karine dalla; SILVA, Andreia Vicente da. **“Cultura da Vida e Cultura da Morte”: Moralidade cristã nos debates sobre o direito de abortar (ADPF 442).** 55. ed. Toledo: Tempo de Ciência, 2021. 16 p. Disponível em: <file:///C:/Users/graci/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+28024-105630-1-CE.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CRUZ, JONAS SANTOS. **“ABRINDO BRECHAS NA IGREJA”:** DISPUTAS E CONSENSOS EM TORNO DA LEITURA FEMINISTA DA BÍBLIA

FERREIRA, Benedita Aguiar. **Gênero E Teologia. Feminista: Entraves Culturais E Discriminações À Presença Feminina Nas Igrejas Cristãs**

FRIEDAN, Betty. **A mística Feminina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1921-2006. 560 p.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015. 119 p.

GRUDEM, Wayne. **Confrontando o Feminismo Evangélico**: respostas bíblicas para perguntas cruciais. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009. 336 p. Tradução Marcos Vasconcelos.

GRUDEM, Wayne. **Feminismo Evangélico: um caminho para o liberalismo** Editora Cultura Cristã, 2009. 256 p. Tradução Maria Judith Prado Menga.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. 176 p. Tradução: Bhuvi Libanio

LIMA, Soelma Costa Da Fonseca. **E MARIA VAI COM AS OUTRAS: UMA ABORDAGEM FEMINISTA SOBRE AS MULHERES NA IGREJA**. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo 2011. p.68.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O Feminismo Cristão como tudo começou**. 2011. Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **O pentecostalismo e as mulheres**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos Ano X n.329 de 17 de maio de 2010

MARIZ, Cecília. **Mais-valia: O pentecostalismo e a emancipação das mulheres**. Revista do Instituto Humanitas **UNISINOS**, São Leopoldo / RS,329, p. 12-14, maio, 2010.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. 67. ed. São Paulo: USP, 2005. 10 p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 15 maio 2022.

MEIRA, Vanessa Raquel. **Cristianismo E Feminismo podem Coexistir?** Lições Da Primeira Onda Do Feminismo. KERYGMA, ENGENHEIRO COELHO, SP, VOLUME 14, NÚMERO 1, P. 06-21, 1º SEMESTRE DE 2019 <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v14.n1.p6-21> CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO - UNASP

PY, Fabio. **Expulsão da Igreja Batista de Pinheiros da CBB**: um histórico dos problemas e rachas batistas. Rio de Janeiro: UENF, 2021. 7 p. Disponível em: https://www.academia.edu/33169181/Expuls%C3%A3o_da_Igreja_Batista_de_Pinheiros_da_CBB_um_hist%C3%B3rico_dos_problemas_e_rachas_batistas. Acesso em: 10 maio 2021.

REVISTA de História da Biblioteca Nacional: Evangélicos a fé que seduz o Brasil. 87. ed. Rio de Janeiro: Sabin, 2012. 98 p.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e deusas**. São Paulo: Editora Aleph, 2019. 448 p. Tradução: Wilian Lagos; Débora Dutra Vieira.

ROSADO, Maria José (org.). **Gênero, Feminismo, Religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 320 p. Disponível em: <http://www.garamond.com.br/produto/9788576173359.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

TABOLKA, Lauren Hanel Lang **Do campo à ação: convergências do feminismo no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)** / Lauren Hanel Lang Tabolka. -- 2021. 210 f.

Viero, Gloria Josefina. O feminismo no contexto das Igrejas in: **A inculturação da fé no contexto do feminismo**. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2005.

Vídeos do Youtube

Mocellin, Rodrigo Pastor. O Pastorado Feminino. YouTube, nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4RzGa7tm9s&t=2s> . Acesso em: 21/06/2022

Mocellin, Rodrigo Pastor. Desculpas para o pastorado feminino. YouTube, nov.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7tR9_tpkktc&t=309s Acesso em: 20/06/2022.

Dois Dedos de Teologia. Mulheres podem ser pastoras? *Youtube*, maio de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U5qQ_iQXcf0&t=226s . Acesso em: 28/07/2022

Canal Positivamente. Positivamente com Cassiane. *Youtube*, junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZT0fGVegcU> Acesso em: 27/07/2022.

Curso

As pensadoras; Minicursos Teologia Feminista, In: <https://www.aspensadoras.com.br/cursos/teologia-feminista--1-edicao/aulas> Realizado em junho de 2022.

As pensadoras; Curso de Introdução ao Feminismo, In: <https://www.aspensadoras.com.br/cursos/introducao-ao-feminismo/aulas> Realizado em junho de 2022.

Live

Teologia Saudável. **Live o Pastorado Feminino – Pastor Rodrigo Mocellin**. 30 abril 2021. Instagram: @teologia_saudavel Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/COT8khYIJEu/> Acesso em: 30 abril 2021.

Anexos

Credo Apostólico da Igreja O Brasil Para Cristo (OBPC). Disponível em:
<http://www.obpctelemaco.com.br/site/credo-apostolico/>

Declaração de Fé da Igreja do Evangelho Quadrangular. Disponível em:
<https://ieqoliveiras.com.br/declaracao-de-fe-da-igreja-do-evangelho-quadrangular/>

Declaração de fé da Igreja Presbiterana do Brasil. Disponível em:
<https://centro.ipeonline.com.br/declaracao-de-fe-do-ipe/#:~:text=O%20IPE%20%C3%A9%20uma%20Escola,o%20Maior%20e%20o%20Breve.>

Declaração de Fé das Igrejas Assembléia de Deus no Brasil – Missão Belém.
Disponível em: <https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>

Declaração Doutrinaria da Convenção Batista do Brasil. Disponível em:
http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22

Em que cremos – Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em:
<https://www.universal.org/a-universal/>

No que cremos – Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira.
Disponível em: <https://adanapolis.com.br/home/no-que-cremos/>

Declaração da Diretoria da Convenção Batista Brasileira sobre a aceitação de pessoas homo afetivas no rol de membros da Igreja Batista do Pinheiro, Maceió, AL. Disponível em:
<http://www.convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/83061825213092017104257.pdf>